



CLÁUDIA DE QUADROS ROCHA

**DO CENTRO PARA O VALE:
UM ESTUDO DE MEMÓRIA SOCIAL SOBRE O INSTITUTO DE INFORMÁTICA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

CANOAS, 2017

CLÁUDIA DE QUADROS ROCHA

**DO CENTRO PARA O VALE:
UM ESTUDO DE MEMÓRIA SOCIAL SOBRE O INSTITUTO DE INFORMÁTICA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro
Universitário LA SALLE como requisito parcial
para a Obtenção do Título de Mestre Profissional
em Memória Social e Bens Culturais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Kayser Vargas Mangan

CANOAS, 2017

AGRADECIMENTOS

Em especial, ao meu filho, Douglas, que sempre esteve ao meu lado e também pelo auxílio na formulação das minhas ideias e pelas várias conversas sobre o andamento da dissertação.

Ao meu marido, Osvaldo, que soube compreender minha ausência durante todos esses meses que estive envolvida com o projeto do mestrado.

À minha mãe, Laura, que me incentivou nos estudos e sempre me deu apoio em todos os momentos.

Aos meus colegas e professores do Instituto de Informática que compartilharam comigo suas memórias, por meio de narrativas, e contribuíram muito para a construção desta dissertação.

À UFRGS e a direção do Instituto de Informática pelo incentivo ao aperfeiçoamento para cursar o mestrado.

Ao meu amigo de trabalho Marcelo Rodrigues Pinto, que sempre me incentivou a começar e nunca desistir do mestrado.

À professora Patrícia Kayser Mangan, minha orientadora, por acreditar no meu trabalho, acompanhar-me nesta jornada de rememoração e lembranças desse Instituto que abrigou as nossas formações acadêmicas e profissionais.

Ao professor Lucas Graeff por me incentivar a escrever sempre mais e pela sua generosidade ao compartilhar seus conhecimentos.

À minha amiga de muitos anos e colega no mestrado Anália Kniest, que me incentivou a iniciar a jornada no mestrado.

“A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.”

Albert Einstein

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo de memória social, envolvendo o espaço e construção da identidade de grupo do Instituto de Informática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (INF/UFRGS). O recorte temporal é o período de 1989 a 1992, data de criação do INF/UFRGS e de sua transferência do Campus Centro para o Campus do Vale, respectivamente. O objetivo é compreender como docentes e servidores técnico-administrativos do INF/UFRGS reconstróem o processo de mudança do Campus Centro para o Campus do Vale no período de 1989 a 1992. Os marcos teóricos são estruturados com os seguintes autores: Maurice Halbwachs, Aleida Assmann; Michael Pollak; Stuart Hall, Martin Heidegger e Milton Santos. A metodologia apoia-se em entrevistas temáticas, semiestruturadas, e categorização dos resultados enfocando as relações entre memória, espaço e identidade. Como resultado, a investigação constatou que os entrevistados reconstróiram por meio de suas narrativas o processo de mudança e de construção da identidade de grupo. A pesquisa gerou duas produções técnicas: um informativo com registro de fotos e textos colhidos da pesquisa e um material didático com informações teóricas compiladas durante a pesquisa sobre a história do computador e da informática.

Palavras-chave: Instituto de Informática da UFRGS. Memória Social. Identidade. Espaço.

ABSTRACT

Refazer inglês.

This dissertation presents a study of social memory, space and identity of the Information Technology Institute of the Federal University of Rio Grande do Sul (INF/UFRGS). The time cut is the period from 1989 to 1992. This period corresponds to creation of the INF/UFRGS and its transfer from Campus Center to Campus do Vale. The objective is to understand how teachers and administrative staff of INF/UFRGS recreate the process of moving from Campus Centro to Campus do Vale, from 1989 to 1991. The theoretical frameworks are structured with the following authors: Maurice Halbwachs, Aleida Assmann; Michael Pollak; Stuart Hall, Martin Heidegger and Milton Santos. Our methodology is based on thematic, semi-structured interviews, and categorization of results focusing on the relationship between space and identity. Our research pointed out that the interviewees rebuilt through their narratives the process of change and group identity formation. The research generated two technical productions: an informative with record of photos and texts taken from the research and a didactic material with theoretical information compiled during the research on computer history and Informatics.

Keywords: Instituto de Informática da UFRGS. Social Memory. Identity. Space.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Listagem de Entrevistados	26
Figura 1 – O Campus do Vale-UFRGS	32
Figura 2 – Elizabeth Brauna do Nascimento	33
Figura 3 – Elisiane da Silveira Ribeiro	34
Figura 4 – José Palazzo Moreira de Oliveira	35
Figura 5 – Juergen Rochol	36
Figura 6 – Luís da Cunha Lamb	36
Figura 7 – Luis Otávio Soares	37
Figura 8 – Antônio Marinho Pilla Barcellos	38
Figura 9 – Philippe Olivier Alexandre Navaux	39
Figura 10 – Silvania Vidal de Azevedo	40
Quadro 2 – Categorias e Núcleos de Sentidos	41

LISTA DE SIGLAS

BNDE	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
DVD	Disco Digital Versátil
FORTTRAN	MathematicalFORmulaTRANslation System
INF/UFRGS	Instituto de Informática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PPGC	Pós-Graduação em Ciência da Computação
RNP	Rede Nacional de Pesquisa
SBC	Sociedade Brasileira de Computação
SED	Sistema de Entrada de Dados
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
TV	Televisão
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Unilasalle	Universidade La Salle

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Construção do Problema de Pesquisa	11
1.2	Objetivos Geral e Específicos	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	Memória e Identidade	15
2.2	Espaço: Contexto de Articulação da Memória e da Identidade	17
2.3	As Novas Tecnologias e o Instituto de Informática.....	21
3	METODOLOGIA	23
3.1	Etapa 1 – Com Caráter Exploratório	24
3.2	Etapa 2 – Pesquisa de Campo	24
3.3	Métodos de Análise e Interpretação de Dados	27
3.4	O Campo da Pesquisa: A Respeito do Instituto de Informática da UFRGS	28
4	ANÁLISES DE DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	33
4.1	Perfil dos Narradores	33
4.1.1	<i>Trajetória na UFRGS – Elizabeth Brauna do Nascimento.....</i>	33
4.1.2	<i>Trajetória na UFRGS – Elisiane da Silveira Ribeiro.....</i>	34
4.1.3	<i>Trajetória na UFRGS – José Palazzo Moreira de Oliveira.....</i>	35
4.1.4	<i>Trajetória na UFRGS – Juergen Rochol.....</i>	36
4.1.5	<i>Trajetória na UFRGS – Luís da Cunha Lamb.....</i>	36
4.1.6	<i>Trajetória na UFRGS – Luis Otávio Soares.....</i>	37
4.1.7	<i>Trajetória na UFRGS – Marinho Pilla Barcellos</i>	38
4.1.8	<i>Trajetória na UFRGS – Philippe Olivier Alexandre Navaux</i>	39
4.1.9	<i>Trajetória na UFRGS – Silvania Vidal de Azevedo</i>	40
4.2	Temas e Categorias de Análises	40
4.2.1	<i>Memórias do Campus Centro-UFRGS.....</i>	41
4.2.2	<i>Memórias da Mudança.....</i>	46
4.2.3	<i>Memórias do Campus do Vale-UFRGS.....</i>	49
4.2.4	<i>Considerações</i>	54
4.3	Produto Final	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57

REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Entrevista	64
APÊNDICE B –ROTEIRO DE ENTREVISTA	66
APÊNDICE C – MATERIAL DIDÁTICO: UM HISTÓRICO CONCISO DA INFORMÁTICA	68
APÊNDICE D – PRODUTO FINAL - INFORMATIVO	80
ANEXO A – PORTARIA DE CRIAÇÃO DO INF/UFRGS	86

1 INTRODUÇÃO

Este é um estudo de memória social que tem como foco as relações entre espaço e identidade do Instituto de Informática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (INF/UFRGS). A investigação utilizou-se principalmente das memórias dos docentes e técnico-administrativos nessa instituição. Delimita-se como recorte temporal o período de 1989 a 1992, anos respectivos da criação do Instituto de Informática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (INF/UFRGS) e da sua transferência do Campus Centro para as atuais instalações no Campus do Vale. O objetivo é compreender como docentes e servidores técnico-administrativos do Instituto reconstroem o processo de mudança entre os espaços de trabalho, do Campus Centro para o Campus do Vale, no período de 1989 a 1992, e como esse processo se relaciona com as particularidades do campo de conhecimento em que se inscrevem.

O trabalho insere-se na linha de pesquisa Memória e Linguagens Culturais por tratar do diagnóstico e da produção de tecnologias de informação e comunicação. Considera-se que, na sociedade atual, é impensável viver sem o suporte de computadores e de tantos outros meios fornecidos pela tecnologia da informática, relativamente recente na história. O INF/UFRGS insere-se nesse contexto, destacando-se como um dos pioneiros na formação de profissionais de alto nível para trabalhar com tecnologias de informação e comunicação, seja em instituições públicas, seja em instituições privadas; além disso, contribui para a produção de conhecimentos teórico e aplicado relevantes na área.

1.1 Construção do Problema de Pesquisa

A construção do problema desta pesquisa se confunde com a minha trajetória de vida. Em virtude disso, esta seção da dissertação é apresentada em primeira pessoa.

Sou natural de Porto Alegre. Durante minha infância e adolescência, não tive contato com computadores. Lembro-me de que o curso Técnico em Contabilidade exigia o curso de datilografia. Esse aprendizado foi muito útil, pois quando conheci o computador, o teclado já não era mais um mistério para mim.

Em 1989, já adulta, formei-me em Ciências Contábeis pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Na época, os computadores começavam a ficar mais comuns. Lembro-me de que no meu local de trabalho, ainda utilizávamos a máquina de escrever elétrica, e tinha apenas um computador, do qual poderíamos retirar informações de um banco de dados, a fim de realizar nossas tarefas diárias. Aprendi a utilizá-lo com a ajuda de colegas. Em 1996, ingressei por concurso público na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no cargo de Técnico de Contabilidade. Desde aquele ano, fui sempre lotada no Setor Financeiro e de Compras no Instituto de Informática. O universo da computação e da informática abriu-se para mim. No Campus do Vale, passei a observar as transformações tecnológicas e da comunicação por meio de meus contatos com colegas de nível técnico, docentes e discentes que colaboravam no Instituto. Lembro-me, em particular, de que uma colega teve de me ensinar a utilizar o computador Macintosh, que na época era um equipamento de ponta, realizando tarefas como digitar ofícios, planilhas e utilizar a Internet. No INF/UFRGS já se utilizava o e-mail, que na época era a forma de comunicação interna.

Até 2015, essas lembranças sobre a computação e informática não me ocupavam muito. A mudança ocorreu quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle. Eu buscava aperfeiçoamento profissional: queria o título de mestrado, embora já fosse especialista em Gestão Universitária. Porém, a escolha pelo Mestrado Profissional nesta instituição foi motivada pela expectativa de estudar a memória social, tão diferente dos números que sempre me acompanharam em minha vida profissional de contadora. Desejava conhecer por outro viés o Instituto de Informática (INF/UFRGS), lugar que faz parte da minha vida há 20 anos.

Isso foi o que efetivamente ocorreu: a memória social não apenas dá origem à pesquisa que sustenta esta dissertação, mas transforma a minha maneira de ver e pensar o INF/UFRGS.. Contudo, comecei a me indagar sobre como ocorreu a construção da identidade: seria algo específico das características das pessoas? Estaria relacionada com o universo da computação e da informática? Se sim, como?

A minha premissa é de que a construção dessa identidade acontecera ao longo dos anos. Mas, em particular, interessei-me pelo período de transição do Campus Centro para o Campus do Vale por duas razões: a primeira é que se trata de um período que antecede o meu ingresso na equipe. Eu gostaria de saber mais sobre

aquela época e compreender como meus colegas e ex-colegas trabalhavam. A segunda razão é que a mudança me parece algo muito significativo em virtude de sua dimensão espacial, já que o Campus do Vale não é apenas distante do centro da cidade de Porto Alegre, mas, sim, mais espaçoso e permitiu um rápido crescimento em termos de infraestrutura e circulação de pessoas no Instituto.

Portanto, do meu ponto de vista, a mudança do Centro para o Vale é um tema fundamental para a compreensão da construção da identidade da equipe do INF/UFRGS. Nesse contexto, trabalhar no ambiente pesquisado facilitou a realização da pesquisa. Conhecer as pessoas entrevistadas facilitou a troca de ideias e a reconstrução das memórias – sobre a mudança. Além disso, tive fácil acesso as informações complementares, como documentos oficiais, fotos e atas, que compõem a pesquisa documental da dissertação. No entanto, eu precisei me preparar mentalmente para obter o distanciamento necessário da análise dos dados, evitando o envolvimento emocional que pudesse limitar a pesquisa.

Durante o mestrado, pude apresentar e publicar trabalhos em seminários e revistas. Esses exercícios foram importantes para amadurecer minha compreensão sobre memória social e compor essa “preparação mental” para a análise dos dados de pesquisa. Em 2015, apresentei e publiquei um artigo na Semana Científica do Unilasalle (SEFIC 2015), intitulado “Instituto de Informática da UFRGS: Percepção do Espaço e Construção de Identidade nos Prédios do Campus do Vale”, que traz reflexões sobre o espaço e a construção de identidade de grupo do Instituto de Informática UFRGS. Em 2016, apresentei o artigo “Instituto de Informática da UFRGS: Memória Social, Espaço e Identidade”, no III Salão EDUFRGS, e o artigo “Contextualizando a Criação do Instituto de Informática da UFRGS”, no III Jornadas Mercosul. Ambos os textos geraram reflexões que estão reelaboradas nesta dissertação¹.

Foi ao longo do percurso de pesquisa e de diálogo com colegas discentes e docentes do PPG em Memória Social e Bens Culturais, portanto, que constitui meu problema de pesquisa. A dissertação que apresento aqui traz algumas modificações em relação ao projeto de pesquisa defendido em 2015, mas responde diretamente a questões que sempre me motivaram no Mestrado Profissional: como se constituiu a identidade do grupo de trabalho? Qual a relação dessa identidade com o universo da

¹ Em 2015, realizei a publicação na Revista Memória e Linguagens Culturais, n. 9 com o artigo “O Universo Cosplay”.

computação e da informática? Como a mudança do Instituto do Campus Centro para o Campus do Vale participa do processo de construção da identidade do grupo? Não como algo central da investigação, mas como elemento da mudança.

1.2 Objetivos Geral e Específicos

Esta pesquisa tem por **objetivo geral** compreender como docentes e servidores técnico-administrativos do INF/UFRGS reconstruem o processo de mudança do Campus Centro para o Campus do Vale, no período de 1989 a 1991. Mais especificamente, busca-se:

- a) analisar as narrativas dos entrevistados com vistas a delimitar as relações entre o processo de mudança e a identidade da equipe de trabalho do INF/UFRGS;
- b) relacionar o processo de mudança e a identidade de equipe com as particularidades do campo de conhecimento em que se inscrevem; e
- c) sintetizar os achados de pesquisa em um Informativo, com registro de fotos e textos das entrevistas com as memórias dos servidores entrevistados que vivenciaram o período da criação e instalação no Campus do Vale do INF/UFRGS.

Esta pesquisa está organizada em seis capítulos, incluindo esta introdução. No Capítulo 2, encontra-se o referencial teórico a respeito dos conceitos de memória, identidade, espaço além do papel das teorias da motivação no desempenho dos servidores e na construção da própria identidade como pertencentes a determinado grupo. No Capítulo 3, apresenta-se a metodologia utilizada e a forma de análise dos resultados obtidos a partir da pesquisa de caráter exploratório, documental e da coleta das informações. No Capítulo 4, realiza-se a apresentação dos entrevistados e a análise de dados obtidos a partir das narrativas dos docentes e servidores técnico-administrativos e apresenta o produto final. No Capítulo 5, apresenta-se as considerações finais com os principais dados da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O objetivo deste capítulo é delinear o quadro conceitual da pesquisa. A partir dos conceitos de memória, identidade e espaço, apresentam-se os marcos teóricos que contribuem para responder ao problema de pesquisa e testar a hipótese de trabalho. Esses marcos teóricos são estruturados com os seguintes autores que fundamentam os conceitos: Maurice Halbwachs, Aleida Assmann; Michael Pollak, Stuart Hall, Martin Heidegger e Milton Santos, Pierre Lévy.

2.1 Memória e Identidade

A memória é uma capacidade humana. Como sugere Assmann (2011), a memória é capaz de acumular informações e de recordar experiências. Acumular consiste em arquivar, depositar e conservar informações; recordar, em processar e delinear ações e projetos futuros. Em ambos os casos, o que se entende por “passado” nada mais é que uma reconstrução, no presente, dessas experiências e informações.

De um ponto de vista individual, segundo Halbwachs (1990), a memória é construída a partir das experiências e lembranças da própria pessoa, mas também contém aspectos do grupo em que o indivíduo foi socializado. A memória individual não está isolada, ou seja, separada da sociedade, ela seguidamente toma como referência pontos externos à pessoa.

Entretanto, no “coletivo”, conforme Halbwachs (1990), a memória é formada pelos fatos relevantes e que são guardados como memória oficial de um grupo. A união dessa memória é lembrada de forma diferente e com grau de importância por cada um de seus integrantes dentro do Grupo. Dessa forma, a memória coletiva permanece no tempo alicerçada nos indivíduos.

Maurice Halbwachs, autor de referência quando se trata de discutir o caráter coletivo da memória humana, assinala que “[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo” (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Contudo, é importante sublinhar que esse jogo entre individual e coletivo não é pacífica. Autores como Halbwachs (1990) afirmam que a memória é um fenômeno

construído coletivamente com característica flutuante, mutável. Já Pollak (1992) diz que nas memórias individuais e coletivas, ocorrem pontos relativamente invariáveis e imutáveis, ou seja, acontecimentos, fatos que não se alteram por mais que se conte várias vezes, nos quais existem elementos fortes, em que “o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças” (POLLAK,1992, p. 2).

Ocorrem também os acontecimentos que Pollak chamaria de “vividos por tabela”, isto é, “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (POLLAK,1992, p. 2). Ou seja, acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que tiveram uma importância maior, mesmo que às vezes ela não consiga saber se participou ou não deles

Aliás, é essa mesma dicotomia entre coletivo e individual que se inscreve nas relações íntimas entre memória e identidade. Para o sociólogo austríaco Michael Pollak, há uma estreita ligação entre a memória e o sentimento de identidade. Mais precisamente, “[...] há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 5).

Para o autor, destacam-se três elementos essenciais quando se trata de identidade: unidade física, continuidade temporal e o sentimento de coerência. A unidade física diz respeito aos sentimentos de fronteiras físicas, seja do corpo literalmente ou de pertencimento a um grupo. A continuidade temporal relaciona-se não apenas com o tempo, mas com os aspectos morais e psicológicos de quem lembra. Finalmente, o sentimento de coerência refere-se ao sentimento de unificação dos elementos que formam os indivíduos.

Essa construção da identidade ocorre na relação com o outro, como o próprio Pollak (1992) assinala. Para ele, é através de uma memória do grupo que se forma os laços de pertencimento, bem como se legitima a história política de um povo. Em outras palavras, a identidade individual não é descolada do contexto histórico e cultural em que se inscreve. Os indivíduos definem quem são em referência a outros indivíduos, assim como grupos e povos se afirmam distintiva e relativamente a outros coletivos.

Em virtude dessas relações dinâmicas com o outro, não é possível a constituição de uma autoimagem isenta de mudança, de negociações e de transformação. A construção da identidade é um fenômeno que se produz

relacionalmente, tomando por referência critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade (POLLAK, 1992, p. 5).

Nesse mesmo entendimento, Hall (2002) sugere o caráter fragmentado e imaginário das identidades individuais e coletivas na modernidade. A identidade unificada, completa e segura é uma fantasia. No momento em que existe um sistema de significação que se multiplica, diferentes papéis sociais apresentam-se e são exigidos dos indivíduos. Esses papéis formam-se e transformam-se segundo os sistemas culturais em que se inserem e aos quais se referem. Daí porque as identidades são “continuamente deslocadas” (HALL, 2002, p. 13).

A identidade é algo que se forma ao longo do tempo através de processos conscientes e inconscientes – e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Além disso, existe sempre algo imaginário ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada" (HALL, 2002, p. 38).

A dinâmica formativa da identidade dialoga, necessariamente, com a capacidade humana de lembrar e esquecer. Memória e identidade imbricam-se não porque a memória é contínua ou se repete sucessivamente ao longo do tempo, mas porque aquilo que se denomina “identidade” nada mais é do que uma representação das origens, das convicções, dos valores e das práticas que se deseja apresentar consciente aos outros como sendo as características essenciais de uma pessoa, de um grupo e de um povo. Para Hall (2002), a identidade é representacional e percebe-se isso, quando o objeto no ato de narrar contribuir na representação indenitária.

2.2 Espaço: Contexto de Articulação da Memória e da Identidade

A memória é a capacidade de acumular informações e de recordar experiências; a identidade é uma representação dessas informações e experiências como um todo integrado, que persiste no tempo. Entretanto, em todos os casos, memória e identidade articulam-se em um *contexto* de caráter histórico, cultural e social. Neste projeto, esse contexto denomina-se “espaço”.

O conceito de espaço é estudado nas Ciências Humanas e Sociais. Na geografia, o autor de referência é Milton Santos. Para esse autor, o espaço é um verdadeiro campo de forças, ou teias ou redes de relações sociais, cuja formação é

desigual. Ou seja, é compreendido por um conjunto de formas distintas de relações sociais do passado e do presente, que se manifestam por meio de processos e funções, em que a evolução do espaço não se apresenta da mesma forma em todos os lugares.

Para Santos (1977), não é possível discutir conceito de espaço desvinculando-o das relações sociais que são estabelecidas e acontecem nesse espaço e a partir dele:

O espaço reproduz a totalidade social, na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos. (SANTOS, 1977, p. 91).

A partir do entendimento do autor, com o qual se concorda, o espaço geográfico precisa ser estudado sob a ótica dos movimentos humanos. A construção de qualquer meio urbanizado ou qualquer tipo de comunidade acontece por intervenção das ações humanas, por isso mesmo ele pode ser modificado e sempre possui dinamismos e influência constante das forças dos homens.

Segundo Santos (1978):

Por suas qualidades funcionais, o espaço, como qualquer outra estrutura social, (ou nível da sociedade, se se prefere dizer assim) é, por sua estrutura mais que por sua forma, um reflexo da sociedade global, seu dinamismo sendo consequência da cisão da sociedade global e sua consequente distribuição sobre o território. Nesse caso, também o espaço seria considerado como um fato social, pois se impõe a toda gente. Mas, se considerarmos o espaço por suas qualidades sistêmicas, ele ganha novos atributos, como a capacidade de condicionar, até certo ponto de forma determinante (uma determinação condicionada, todavia) a evolução das outras estruturas sociais. (SANTOS, 1978, p. 144).

De acordo com Santos (1985), percebemos que o espaço é essencialmente social, isto é, a formação dele não se dá somente com a disposição de coisas, tampouco de aspectos geográficos, sejam de ordem natural ou artificial, que conhecemos como Natureza; o espaço é constituído por todo esse conjunto, mais os seres humanos que formam determinadas comunidades, estudada como sociedade (SANTOS, 1985).

Porém, o espaço também é objeto de discussões filosóficas. As reflexões de Martin Heidegger são seminais nesse campo de conhecimento. Para o filósofo alemão Heidegger (1954), as referências dos seres humanos aos lugares e ao espaço repousa no habitar, na relação entre homem e espaço; é um habitar no sentido de trazer a paz e a liberdade de um pertencimento.

A teoria do espaço de Heidegger (2009) recebeu pouca atenção, embora seja um dos componentes centrais do Ser-no-mundo. Isso se deve, em grande parte, ao fato de Heidegger apresentar uma percepção do *status* secundário do espaço em relação ao tempo.

Colocando em relação às discussões da Geografia e da Filosofia, percebe-se que o espaço é trabalhado pela memória e pela imaginação e, em virtude disso, articula-se imediatamente com as representações identitárias. É no espaço habitado que se projetam as lembranças de indivíduos e grupos, como sugere Bachelard (1974); é nos diferentes espaços que a memória e seus quadros sociais se enraízam e duram (HALBWACHS, 1990).

Afinal, como afirma Hall

Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas 'geografias imaginárias' (SAID, 1990): suas 'paisagens' características, seu senso de 'lugar', de 'casa/lar', ou *heimat*, bem como suas localizações no tempo nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes. (HALL, 2002, p. 72)

A teoria da identidade cultural dada por Hall (2002) veio para refletir as mudanças súbitas do mundo real dentro das academias. Por meio dessa reflexão, as atividades acadêmicas podem agir com uma visão crítica que nos leve a repensar os conceitos de cultura e identidade.

Por meio dessa reflexão, as atividades acadêmicas podem agir com uma visão crítica que nos leve a repensar os conceitos de cultura e identidade, conotação que a teoria de Hall (2002) mantém na mesma era cultural em que se vive hoje. Uma das maiores razões pelas quais os estudos culturais podem criar uma sensação, deve-se ao fato de ter se concentrado em resolver a lacuna entre teoria e prática, e, conseqüentemente, a teoria da identidade cultural de Hall (2002) procura, no final, relacionar a nova concepção de identidade com uma nova concepção de política.

Nesse ponto, podemos dizer que tal teoria geral da cultura e a formação da identidade pode estar diretamente relacionada à nossa realidade específica, derivada da teoria da articulação e da teoria construcionista da representação, que são duas constituições principais de seu sistema teórico.

Segundo o referido autor:

Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado 'positivo' de qualquer termo – e assim, sua 'identidade' – pode ser construído [...] A unidade, a homogeneidade interna, que o termo "identidade" assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe "falta" (HALL, 2002, p. 110).

Como resultado, Hall (2002) argumenta que as nossas identidades sempre têm uma posição específica dentro de uma representação e não são autossuficientes, mas carregam a ambivalência, que é da separação fictícia de outras identidades. Ademais, as identidades mantêm a mobilidade, que está aberta à mudança e à transformação sem fim na história.

A identidade é construída, portanto, como fruto de uma construção que não depende exclusivamente do sujeito, mas de todo o contexto no qual está inserido, conforme o apontamento a seguir:

A identidade se revela como invenção e não descoberta; é um esforço, um objetivo, uma construção. É algo inconcluso, precário, e essa verdade sobre a identidade está cada vez mais nítida, pois os mecanismos que a ocultavam perderam o interesse em fazê-lo, visto que, atualmente, interessa construir identidades individuais, e não coletivas. Esse fato, contudo, é recente. O pensar sobre se ter uma identidade não ocorre enquanto se acredita em um pertencimento, mas quando se pensa em uma atividade a ser continuamente realizada. Essa ideia surge da crise do pertencimento (BAUMAN, 2005 apud FARIA; SOUZA, 2011, p. 5).

É por esse prisma que se propõe pesquisar, analisar e compreender como a partir de suas narrativas os docentes e servidores técnico-administrativos reconstróem suas memórias no processo de mudança e a sua apropriação no novo espaço no Campus do Vale, bem como analisar como ocorre a construção da identidade de grupo.

2.3 As Novas Tecnologias e o Instituto de Informática

Abordam-se aqui alguns conceitos relativos ao papel que desempenham as novas tecnologias da computação, com o intuito de deixar mais clara a importância de institutos como INF/UFRGS aqui investigado.

O termo tecnologia tem origem grega: *tekne*, que significa arte, técnica ou ofício, enquanto a palavra *logos* significa um conjunto de saberes. Assim, a palavra tecnologia traz em si a definição sobre os conhecimentos que nos permitem criar objetos, modificar o meio em que vivemos, além de estabelecer situações novas que ajudem na resolução de problemas básicos que surgem no cotidiano da vida humana.

Entre as principais Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) mais utilizadas atualmente em aulas podemos destacar os quadros digitais, os computadores, e demais tecnologias, mesmo as que não estão disponíveis em todas as escolas, ressaltando que raramente se aborda os aparelhos celulares, Mp3, Mp4, *tablets*, sendo que estes são mais usados pelos alunos. Percebe-se assim que “as novas tecnologias surgem com a necessidade de especializações dos saberes, um novo modelo surge na educação, com ela pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesses didático-pedagógicos” (LEOPOLDO, 2002, p. 13).

Percebe-se o quanto foi e é importante a inclusão dos recursos tecnológicos na sala de aula, como a TV, o DVD, o projetor multimídia, computadores, *tablets*, dinamizando os conteúdos aplicados pelos professores. Assim, nota-se como existe uma real necessidade de agrupar os recursos tecnológicos que os alunos possuem como (por exemplo: os celulares) nesse processo para ensinar e aprender.

Além da educação, as novas tecnologias influenciam fortemente o trabalho, o lazer, a gestão pública e privada, sendo que praticamente nenhuma área de atuação hoje está livre de necessitar de recursos da informática. Na era digital, em que cada vez mais a utilização de equipamentos computacionais está presente no cotidiano das pessoas, no trabalho, no lazer nos estudos, mudanças sociais foram significativas ao longo do desenvolvimento dessas tecnologias. Tais tecnologias computacionais proporcionaram a possibilidade de a informação estar disponível de forma global, facilitando a socialização de informações e de memórias sob novas dimensões (MANGAN, 2010). Segundo este autor, a partir de Levy (2000), Lemos (2004), Rudiger (2007), “a atual sociedade apoiada nas mais diversas tecnologias

computacionais vive em meio à cibercultura, que se considera como um conceito muito amplo e que permeia toda a sociedade contemporânea” (MANGAN, 2010, p. 171).

A cibercultura é apresentada por Lévy (2000, p. 17) como um “[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Vale lembrar que a Internet surgiu com a função inicial de interligar computadores, porém aconteceu muito mais: passou a interligar pessoas e compartilhar ideias no mundo todo, socializando as informações.

Desse modo, o papel social de um Instituto de Informática é de extrema relevância na atualidade, principalmente quando falamos da formação de educadores, que poderão fazer uso de recursos audiovisuais entre as diversas alternativas que existem para qualificar sua metodologia de trabalho na sala de aula. A relevância de uma unidade dessa natureza, como parte integrante de um campus universitário do porte da UFRGS, extrapola os muros da própria universidade, uma vez que desempenha papel de protagonismo no âmbito da comunidade onde o instituto está instalado.

Devido a esses fatos, o papel da computação e da Internet na sociedade tem um peso importante para trabalhos futuros a serem desenvolvidos. Isso explica, inclusive, porque é possível ao INF/UFRGS seguir crescendo e captando recursos para novas pesquisas em tecnologias relevantes para a sociedade.

3 METODOLOGIA

Para Minayo (2015, p. 16), a metodologia é “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realizada”. É uma atitude e uma prática de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. Nesta pesquisa, o percurso envolveu as leituras que, sintetizadas, compuseram a revisão conceitual apresentada no capítulo anterior; a pesquisa documental, em particular do Boletim Informativo do INF/UFRGS; as resoluções; as portarias; o blog do professor Palazzo e os sites da UFRGS e do INF/UFRGS; a pesquisa de campo, com ênfase na produção e análise de fontes orais (ALBERTI, 2012); e a análise de dados privilegiando a análise temática (BARDIN, 1979).

O percurso desta pesquisa, portanto, é qualitativo. Segundo Minayo (2015, p. 169), a pesquisa qualitativa

[...] se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode e não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Este conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Conforme Marconi e Lakatos (2011, p. 169), a pesquisa de campo:

[...] é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los.

Foram empregadas duas etapas nesta pesquisa que serão descritas nas próximas seções. É importante destacar que elas não indicam momentos isolados na pesquisa, pois mais que um fluxo, indica organização lógica das atividades desenvolvidas.

3.1 Etapa 1 – Com Caráter Exploratório

A primeira etapa da pesquisa foi exploratória, envolvendo pesquisa em fontes primárias e secundárias sobre o local de pesquisa e o perfil da amostra, além de uma revisão da literatura sobre memória social, identidade e espaço.

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa², sendo que os procedimentos metodológicos seguem técnicas de análise de conteúdo que procuram de alguma forma, desvelar os relatos dos sujeitos sobre o objeto investigado.

Nessa etapa, buscou-se construir o referencial teórico e a familiarização com os conceitos para a continuidade da pesquisa. Foram realizadas coletas e análise de materiais já publicados a respeito do tema em revistas científicas, livros, dissertações, teses, boletins, jornais, relatório de pesquisa etc.

Na pesquisa documental, foram utilizados documentos que auxiliaram no processo de entendimento da construção da identidade de grupo. Utilizando diferentes documentos nos mais variados suportes, entre eles, documentos institucionais (atas, ofícios, regulamentos), documentos pessoais, documentos de arquivo.. Buscou-se também por endereços eletrônicos que pudessem contribuir para o arcabouço documental a respeito de fatos históricos da criação e mudança para o Campus do Vale e também de documentos úteis para elaboração da presente pesquisa, como páginas da Web da UFRGS, do INF/UFRGS, da SBC, do site do professor do Instituto Dr. José Palazzo Moreira de Oliveira , no qual foi consultado na aba de história, que fala sobre o Campus do Vale, uma breve história do INF/UFRGS, sobre o CPD, e outros fatos ocorridos na UFRGS que foram importantes para conhecer o universo pesquisado.

3.2 Etapa 2 – Pesquisa de Campo

A segunda etapa foi uma pesquisa de campo visando à coleta de testemunhos através da técnica de entrevistas. Como orientação metodológica, seguiu-se as orientações para a realização de entrevistas temáticas à luz de Alberti (2012)..

²Considerando que ao contrário da pesquisa quantitativa, “na pesquisa qualitativa as variáveis costumam ser direcionadas no decorrer da investigação. Esse tipo de método procura ‘desvelar’ processos sociais que ainda são pouco conhecidos e que pertencem a grupos particulares, sendo seu objetivo e indicação final proporcionar a construção e/ou revisão de novas abordagens, conceitos e categorias referentes ao fenômeno estudado” (FERNANDES, 2014, p. 12).

Segundo Alberti (2012, p. 18) define história oral como:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões do mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições grupos sociais categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. á luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.

De acordo com Smith (2010, p. 29), “a história oral permite recuperação das ideias que foram importantes, mas não bem documentadas em papel ou fontes literárias”. Trata-se de uma produção de fontes, que recupera ideias, sentimentos e significados do ponto de vista dos entrevistados. Para esse fim, utilizaram-se entrevistas temáticas, que, segundo Alberti (2012, p. 37), “[...] são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido”. Assim, embora sem adotar a metodologia de História Oral, as observações e indicações de Alberti (2012) foram observadas na preparação e condução das entrevistas temáticas. No Apêndice B deste trabalho, apresenta-se o roteiro de entrevista.

A entrevista temática atenta ao ritmo do entrevistado, não indo diretamente na busca de uma resposta ao problema de pesquisa. O importante é propiciar as condições para a construção de uma narrativa memorial.

A produção de fontes orais depende de gravação e transcrição das falas dos entrevistados. Com isso, as entrevistas transformam-se em documentos. Como coloca Alberti (2012, p. 24):

Mesmo que seja transcrita, a entrevista de história oral deve ser considerada em função das condições de sua produção: trata-se de um diálogo entrevista e entrevistadores, de uma construção e interpretação do passado atualizada através da linguagem falada.

A pesquisa de campo foi desenvolvida conforme um cronograma de acordo comum entre a pesquisadora e seus entrevistados. Cada um dos entrevistados assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), conforme a Lei dos Direitos Autorais nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, no qual o responsável autorizado fará uso e divulgação dos dados, de forma exclusiva, de

acordo com as condições pactuadas. Depois de concluídas, as entrevistas foram transcritas e enviadas aos entrevistados, a fim de que tivessem ciência e autorizassem a utilização do material a partir do TCLE.

A escolha dos entrevistados envolveu os docentes e servidores técnico-administrativos que participaram na criação do INF/UFRGS e vivenciaram a mudança para as novas instalações no Campus do Vale. Incluiu-se, ainda, o professor e ex-diretor do INF/UFRGS professor Luiz da Cunha Lamb, bem como o professor também do INF/UFRGS professor Marinho Pilla Barcellos, que no período pesquisado eram alunos, mas acompanharam a mudança do Campus Centro para o Campus do Vale. A lista de entrevistados é apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 – Listagem de Entrevistados

Nome	Cargo	Cargo/Papel de 1989 e 1992	Tempo de UFRGS
Philippe Navaux	Docente e ex-diretor do INF/UFRGS	Docente	42 anos
José Palazzo M. Oliveira	Docente aposentado	Docente	46 anos
Juergen Rochol	Docente aposentado	Docente	46 anos
Luís da Cunha Lamb	Docente e ex-diretor do INF/UFRGS	Aluno	10 anos (Aluno) 14 anos (Docente)
Antônio Marinho Pilla Barcellos	Docente do INF/UFRGS	Aluno	08 anos (Aluno) 06 anos (Docente)
Luis Otávio Soares	Técnico-administrativo - Gerente de TI	Técnico-administrativo TI (sem cargo de gestão)	36 anos
Silvania Azevedo	Técnico-administrativo - Gerente Administrativa	Técnico-administrativo Secretária (sem cargo de gestão)	34 anos
Elisabeth Nascimento	Técnico-administrativo - Resp. Recursos Humanos	Técnico-administrativo Telefonista	36 anos
Elisiane da Silveira Ribeiro	Técnico-administrativo - Secretária do PPGC	Técnico-administrativo Secretária do PPGC	34 anos

Fonte: Autoria própria, 2016.

Os entrevistados são docentes e servidores técnico-administrativos que estavam no período de criação e mudança do INF/UFRGS e estão até hoje em atividade no instituto. Foi realizado um primeiro contato presencial com essas pessoas para explicar sobre a pesquisa e convidá-los para contribuir com o projeto. Uma vez aceito o convite, foi marcado um horário e local confortável com o convidado para a realização das entrevistas. Quem não pôde dar entrevista de forma gravada, pediu o Roteiro das entrevistas para responder por escrito e, assim, participar da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas nas dependências do INF/UFRGS e realizadas em apenas uma seção cada. Entrevistas dos professores realizadas em seus gabinetes e dos técnicos administrativos na sala de trabalho. Elas foram registradas através de gravações de áudio e em seguida foram transcritas. Como instrumento de gravação, foi utilizado o gravador de áudio do *smartphone iPhone 4S* no formato MP4. As entrevistas dos professores Luiz Lamb, Marinho Pilla Barcellos e José Palazzo Moreira de Oliveira foram respondidas pelo roteiro de entrevistas, tendo em vista a disponibilidade deles.

3.3 Métodos de Análise e Interpretação de Dados

Ao longo das duas etapas descritas, a pesquisa já iniciou a análise e interpretação dos dados. Segundo Gil (1999), o objetivo da análise é organizar os dados de tal forma que possam fornecer respostas ao problema da pesquisa, enquanto o objetivo da interpretação é uma busca mais ampla do sentido das respostas por meio de ligação com outros conhecimentos obtidos anteriormente.

A análise e interpretação consistiram na exploração, no sentido amplo, das fontes orais e dos documentos impressos. Utilizou-se a técnica análise de temática, que participa da metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1979). Como menciona Minayo (2015, p. 85) sobre a leitura de Bardin (1979), a análise de conteúdo “como um conjunto de técnicas, indica que há várias maneiras de analisar conteúdos de materiais de pesquisa”. Para Bauer (2012), a análise de conteúdo faz uma ponte entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais, caracterizando-se por ser híbrida.

Trabalhar com análise temática, segundo Bardin (1979, p. 105), “consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou

frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”. As etapas são:

a) *Pré-análise*: realizar exaustivamente a leitura, seleção e organização do material selecionado, a fim de aprofundar o conhecimento sobre o tema.

Busca-se com essa leitura:

(a) ter uma visão de conjunto; (b) apreender as particularidades do conjunto do material a ser analisado; (c) elaborar pressupostos iniciais que servirão de baliza para a análise e interpretação do material; (d) escolher forma de classificação inicial; (e) determinar os conceitos teóricos que orientarão a análise (MINAYO, 2015, p. 91).

b) *Exploração do material*: realizar efetivamente a análise dos dados. A exploração do material consistiu na análise para identificar, por meio das inferências, os núcleos de sentido apontados pelas partes dos textos. Portanto, estaremos organizando e sistematizando documentos, atas, ofícios, fotografias, enfim, o material descrito na pesquisa bibliográfica e documental e também as entrevistas realizadas.

c) *Tratamento dos resultados, inferência e interpretação*: nesta fase, faremos a compreensão aprofundada do conteúdo por meio das inferências e interpretações das mensagens, realizando, assim, a ligação dos resultados obtidos com os escopos teóricos, o que permite avançar na conclusão da pesquisa.

3.4 O Campo da Pesquisa: A Respeito do Instituto de Informática da UFRGS

A autora desta dissertação é bastante familiarizada com o Instituto de Informática da UFRGS. Contudo, esse talvez não seja o caso do leitor deste trabalho. Em virtude disso, importa destacar um breve histórico do INF/UFRGS, contextualizando-o na história da Universidade. Para tanto, recorreu-se ao Boletim de Informática, informativo criado na administração do então Diretor do Instituto o professor Philippe Navaux em outubro de 1998. O Boletim é impresso com notícias sobre suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, alcançando ex-alunos, colaboradores e parceiros do Instituto, órgãos de governo etc.

O Instituto de Informática UFRGS foi criado em 09 de novembro de 1989, Portaria nº 606, do Ministério da Educação, portaria de criação (Anexo A). Nesta mesma Ata foram criados mais 7 institutos todos já instalados antes de suas criações no Campus do Vale, todos como uma unidade independente para unir ensino, pesquisa e extensão no âmbito da UFRGS. O INF/UFRGS baseado em uma atividade acadêmica sólida iniciada na década de 1970, é reconhecido pela excelência acadêmica, inovação e compromisso social. (INSTITUTO DE INFORMÁTICA, 2014).

Inicialmente, instalado nas dependências deficitárias que lhe cabia junto à Engenharia Elétrica da UFRGS no Campus Centro, o Instituto contava apenas com corpo administrativo reduzido, biblioteca e poucas salas de aula. (INSTITUTO DE INFORMÁTICA, 2014).

Nesta pesquisa há o interesse em se conhecer a história do INF/UFRGS, passando pelas informações que dão conta desde os fatos anteriores que levaram à sua criação, bem como a necessidade de explanar a criação do Centro de Processamento de Dados (CPD) da UFRGS, onde existia o departamento acadêmico de computação.

Em 1968, ocorreu a criação do CPD, que realizava serviço de informática para universidade. No início da década de 1970, a universidade fez aquisição do primeiro computador de grande porte o B-6700. Na avaliação do professor Leão, “esse foi o grande passo da instituição para tomar a frente no cenário do ensino da computação nacional”. (INSTITUTO DE INFORMÁTICA DA UFRGS, 2009).

Segundo Knebel (2010), existia o grupo de professores da Faculdade de Física da UFRGS que utilizou o uso do computador para medições usadas em experiências em laboratório. Um grupo do CPD o utilizava para aprendizado na área de software, enquanto estudantes de Física o utilizavam para trabalhar em melhorias na área de hardware.

Esses grupos se uniram, e em 1972 iniciou o Curso de Pós-Graduação em Ciência da Computação (CPGCC), um dos três primeiros no país. Nessa época, a Ciência da Computação tinha pouca prioridade. Conforme o professor Daltro, “Se vivia no mundo das aplicações, a ciência ficava em segundo plano. O que importava era como a informática poderia ser usada nas organizações”. (INSTITUTO DE INFORMÁTICA DA UFRGS, 2009).

O projeto de software foi desenvolvido pelos docentes do CPD e o outro projeto de hardware feito pelos docentes do Instituto de Física. Assim, o CPGCC recebeu o recurso para ampliar o curso. “O curso foi o primeiro no Brasil a abordar software e hardware de forma integrada”. (INSTITUTO DE INFORMÁTICA, 2009).

O curso de Tecnólogo em Processamento de Dados foi o primeiro curso de formação na área da computação, criado em 1973. Até então, os cursos na área de processamento de dados eram ministrados por empresas como IBM, Burroghs e a HP, o governo queria formar profissionais cujo conhecimento não ficava apenas no sistema dessas empresas. O mercado estava em expansão, necessitava de profissionais com formação mais ampla. A universidade atenta a isso estruturou o currículo básico do curso em Bacharel em Ciência da Computação. A professora Magda ressalva que as adaptações do currículo de tecnólogo ajudaram a concretizar o currículo de Ciência da Computação (INSTITUTO DE INFORMÁTICA, 2009).

O INF/UFRGS teve seu pioneirismo na área da informática quando, em 1973, o Sistema de Entrada de Dados (SED) foi construído e projetado com recursos do BNDE³. A verba auxiliou, mas a competência já existia e foi o grande marco no desenvolvimento de equipamentos e hardware no Rio Grande do Sul. Vários outros projetos surgiram a partir dele e posteriormente tornou-se pioneiro dos microcomputadores futuros.

Teve também a criação no INF/UFRGS do Primeiro Modem no Brasil pelo professor Juergen Rochol, na década de 1970, em destaque no Boletim Informática do Instituto, n. 87:

O primeiro modem brasileiro tem o DNA do Instituto de Informática. O modem desenvolvido pelo INF/UFRGS, através de professor Juergen Rochol, foi inspiração para outros equipamentos deste tipo. Para a indústria de tecnologia brasileira o desenvolvimento do primeiro modem brasileiro foi um marco na história de inovação (INSTITUTO DE INFORMÁTICA, 2014, p. 2).

No período entre 1977 e 1991, ocorreu no Brasil a política de reserva de mercado de informática, com objetivo de criar uma indústria local competitiva com tecnologia de ponta, direcionada a empresas exclusivamente de capital nacional. A

³ BNDE – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico. Hoje com o nome de Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), é um dos maiores bancos de desenvolvimento do mundo e o principal instrumento do Governo Federal para o financiamento de longo prazo e investimento em todos os segmentos da economia brasileira. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/O_BNDES/A_Empresa/>.

lei nº 7.232, de 29 de outubro de 1984, Política Nacional de Informática e Automação, tem como principal objetivo “estabelecer estratégias para alcançar o domínio da tecnologia de informática, fundamental para a competência nacional”. (MAZZEO, 1996).

Com a criação do Instituto em 1989, considerou-se a proposta de mudança para o Campus do Vale. Essa ideia já se discutia desde os seus primeiros planos e esboços devido à existência de uma área maior neste novo Campus. (INSTITUTO DE INFORMÁTICA DA UFRGS, 2014).

Diante dessa perspectiva de aumento de espaço e possibilidade de expansão, inicia-se então o processo de transferência para as novas instalações recém-construídas no Campus do Vale, que abrangiam uma área de cerca de 4.000 m².

Assim, foi criada uma comissão para realizar a mudança: um grupo de docentes e servidores técnico-administrativos encarregados da parte operacional de todo o processo. Inicia-se então a transferência física (equipamentos, mobiliário, livros) para as novas instalações no Campus do Vale. Tal organização era necessária para efetivar a transferência do Campus Centro para o Campus do Vale, tendo em vista o início do semestre.

Situado no Campus do Vale da UFRGS, o INF/UFRGS conta com infraestrutura comparável a das melhores universidades do mundo, com todas as demandas de conexão atendidas por rede *wireless*. Instalado em área física de 7.500 m², disponibiliza laboratórios de ensino e pesquisa qualificados, centro de eventos, auditórios equipados com recursos multimídia e biblioteca com grande acervo na área de Computação. (INSTITUTO DE INFORMÁTICA DA UFRGS, 2014). A Figura 1 demonstra o local atualmente ocupado pelo INF/UFRGS dentro do Campus do Vale-UFRGS, o Setor 4, contando com quatro prédios de dois pavimentos cada.

Figura 1 – O Campus do Vale-UFRGS



Fonte: Rede Reunida, 2015.

O INF/UFRGS é Unidade Acadêmica independente que reúne ensino, pesquisa e extensão. O Instituto iniciou suas atividades neste espaço em março de 1992, quando saiu do Campus Centro para se estabelecer no Campus do Vale e expandir sua área física. Atualmente, conta com 100 servidores, sendo 71 docentes e 29 servidores técnico-administrativos, em quatro prédios de dois pavimentos cada, totalizando uma área de 7.500 m². Contendo 35 laboratórios de pesquisa, 08 laboratórios de ensino, 15 salas de aula, 04 auditórios, biblioteca, incubadora de empresas de tecnologia com sua estrutura administrativa. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2016).

Os cursos de graduação existentes atualmente são o curso de Ciência da Computação, criado em 1983, e o curso Engenharia da Computação, criado em 1998. (INSTITUTO DE INFORMÁTICA, 2017). No campo da pesquisa,

o financiamento dos grupos de pesquisa é prioritariamente obtido das agências de fomento federais e estaduais, mas tem-se ampliado o número de projetos em parcerias com empresas como HP, Samsung, Microsoft, Petrobras, AES-Sul, assim como projetos financiados pela comunidade europeia. (INSTITUTO DE INFORMÁTICA DA UFRGS, 2017).

4 ANÁLISES DE DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

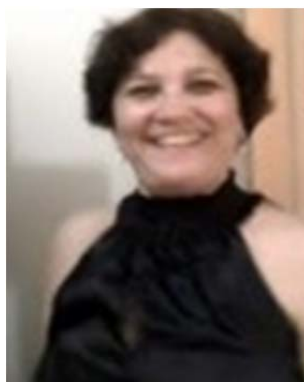
Este capítulo apresenta a análise das entrevistas temáticas realizadas com os docentes e servidores técnico-administrativos do INF/UFRGS. Inicia com a apresentação dos entrevistados e suas trajetórias de vida e na UFRGS para, após, passar às categorias de análise e interpretação dos resultados.

4.1 Perfil dos Narradores

Esta seção traz para o leitor o perfil de cada entrevistado em ordem alfabética. Trata-se de uma síntese das trajetórias na UFRGS que foram traçadas pelo currículo lattes-CNPq e em alguns casos complementadas pelas entrevistas. Os entrevistados têm uma relação de trabalho com o INF/UFRGS, que vem antes mesmo da sua criação. Identifica-se um vínculo com a UFRGS de anos de história.

4.1.1 Trajetória na UFRGS – Elizabeth Brauna do Nascimento

Figura 2 – Elizabeth Brauna do Nascimento



Fonte: INF/UFRGS, 2016.

A servidora técnico-administrativa Elizabeth Brauna do Nascimento trabalha na UFRGS desde 1979. Começou como telefonista na Associação dos Servidores que era a nomenclatura ABSURGS, vinculada ao CPD, que na época era Divisão Acadêmica no prédio da Engenharia.

Trabalhando no meio acadêmico, sentiu a necessidade em 1989 de retornar aos estudos. Formada pela PUC em Pedagogia – Educação Especial, depois de

formada saiu do cargo de telefonista e foi trabalhar na secretaria de Divisão Acadêmica.

Está no INF/UFRGS desde sua criação até os dias atuais, hoje com 36 anos de UFRGS. Ela é Técnico-administrativa responsável pelo Setor de Pessoal do INF/UFRGS.

Até chegar na UFRGS, eu tinha o segundo grau. Entrei na UFRGS através da Associação dos Servidores (ABSURGS) como telefonista em 20 de julho de 1979. Nós éramos vinculados ao CPD, que era a divisão acadêmica no prédio da engenharia velha [...] E aí só lá em 1989 que eu comecei a ver que eu podia pensar em fazer uma graduação. Então, fiz na PUC o curso de Pedagogia – Educação Especial. Eu saí da telefonia, fui trabalhar na secretaria de divisão acadêmica, porque o curso era de manhã. Nessa época, surgiu o interesse da divisão acadêmica de criar o Instituto de Informática, mas a infraestrutura seria aqui no Campus do Vale (Elisabeth Nascimento, entrevista em 03 jul. 2016).

4.1.2 Trajetória na UFRGS – Elisiane da Silveira Ribeiro

Figura 3 – Elisiane da Silveira Ribeiro



Fonte: INF/UFRGS, 2016

Elisiane da Silveira Ribeiro começou sua trajetória na UFRGS em 1983, trabalhando no Curso de pós-graduação em Ciência da Computação (CPGC). Técnico-administrativa ocupa o cargo de secretária do programa, que em 1988 passou a se chamar Pós-Graduação em Ciência da Computação (PPGC). O programa tem 41 anos de existência, e ela trabalha há 34 anos no PPGC. Ela é graduada em Licenciatura em Letras – FAPA, Especialização em Administração Escolar, Supervisão e Orientação – UNIASSELVI.

Na sua trajetória ligada à Pós-graduação, ela realizou a interação com alunos e professores do programa.

“Eu comecei a trabalhar no Programa de Pós-graduação, que na época era curso de Pós-graduação em Ciência da Computação...Depois, em 1988, passou a ser chamado de Programa de Pós-graduação e Computação...eu estava lá” (Elisiane Ribeiro, entrevista em 09 out. 2016).

4.1.3 Trajetória na UFRGS – José Palazzo Moreira de Oliveira

Figura 4 – José Palazzo Moreira de Oliveira



Fonte: INF/UFRGS, 2016

O professor José Palazzo Moreira de Oliveira tem graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1968), mestrado em Ciências da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1976) e doutorado em Informática pelo Instituto Nacional Politécnico de Grenoble (1984). Ingressou como aluno na UFRGS e se aposentou como professor titular pelo Instituto de Informática.

Trabalhou por 46 anos na UFRGS e atualmente é docente convidado do INF/UFRGS. Ele conta que foi,

“Convidado para trabalhar no Departamento de Física e Matemática da UFRGS, ainda não havia INF/UFRGS” (José Oliveira, entrevista em 13 dez. 2016).

4.1.4 Trajetória na UFRGS – Juergen Rochol

Figura 5 – Juergen Rochol



Fonte: INF/UFRGS, 2016

O professor Juergen Rochol fez seu Bacharelado em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1965), mestrado em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1972) e doutorado em Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001). Além disso, ele é professor emérito pela UFRGS, atualmente, é professor colaborador do INF/UFRGS. Tem 46 anos de docência pela UFRGS e continua transmitindo sua experiência aos alunos da computação. Em sua entrevista, lembrou que antes do ingresso no INF/UFRGS estava no Instituto de Física, onde “era especializado em instrumentação nuclear [...] era o início do processamento digital de sinais”.

4.1.5 Trajetória na UFRGS – Luís da Cunha Lamb

Figura 6 – Luís da Cunha Lamb



Fonte: INF/UFRGS, 2016

O professor Luís da Cunha Lamb começou sua trajetória na UFRGS como aluno de graduação Bacharel em Ciência de Computação – UFRGS (1989 -1992) e depois fez mestrado em Ciência da Computação – UFRGS (1995). Doutorado em PhD in Computing Science (2000) e professor titular do Departamento de Informática Teórica, compõe o corpo docente do INF/UFRGS. Tem 15 anos como professor do INF/UFRGS e foi vice-diretor do INF/UFRGS de 2006 a 2011 e Diretor de 2012 a 2016. Atualmente, é pró-reitor de Pesquisa da UFRGS. Seu ingresso como professor ocorreu da seguinte forma:

“Fui admitido por concurso público para professor adjunto em 2002, diretamente no Instituto de Informática” (Luís Lamb, entrevista em 08 dez. 2016).

4.1.6 Trajetória na UFRGS – Luis Otávio Soares

Figura 7 – Luis Otávio Soares



Fonte: INF/UFRGS, 2016

Luis Otávio Luz Soares começou a trabalhar no protocolo do CPD da UFRGS, foi seu primeiro emprego com 15 anos. Trabalha na UFRGS há 36 anos sempre na área da computação. Ele é servidor técnico-administrativo e ocupa o cargo de Gerente de TI no INF/UFRGS. Participou ativamente da mudança do INF/UFRGS para o Campus do Vale. Seu pai também era servidor da Universidade e sua irmã bibliotecária da Faculdade de Economia.

Inicialmente no protocolo do CPD, em seguida passou para operação, sala dos computadores, uma mudança com orgulho de ter trocado de guarda-pó, era como ganhar um troféu, como ele conta a seguir:

“Meu pai conseguiu uma entrevista no CPD da UFRGS e então fui para a entrevista com o meu colega poeta Iubaldo que está lá até hoje. Depois disso, comecei a trabalhar no protocolo do CPD[...]. Eles me trocaram de setor, do protocolo para operação, e isso para mim naquela época foi já uma promoção porque saí de um setor de onde eu recebia os jovens, onde eu atendia os usuários da universidade e passei para uma sala que tinha computador. Então, ali eu troquei meu guarda-pó de protocolo para operação e eu lembro muito bem quando me deram o novo guarda-pó. Meu pai trabalhava na marcenaria da UFRGS que era ali em frente a Odonto. Eu sempre ia almoçar com a minha marmitinha ali no pai porque a gente não tinha muito lugar [...] Quando me deram o guarda-pó da operação foi o primeiro troféu dentro da universidade que eu ganhei” (Luis Otávio Soares, entrevista em 14 set. 2016).

4.1.7 Trajetória na UFRGS – Marinho Pilla Barcellos

Figura 8 – Antônio Marinho Pilla Barcellos



Fonte: INF/UFRGS, 2016

O professor Antônio Marinho Pilla Barcellos começou na UFRGS como aluno de Graduação em Ciência da Computação no INF/UFRGS em 1986, fez mestrado em Ciência da Computação em 1990 e pós-doutorado em Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2008. Compõe o corpo docente do INF/UFRGS desde 1993.

Começou sua vida acadêmica em 1984 e depois resolveu mudar de curso e teve certeza de que fez a escolha certa para Ciência da Computação (CiC).

“Em 1982, conheci os primeiros computadores pessoais, por influência de um amigo, Fernando Osório, colega de Farroupilha. Em 1983, adquiri o primeiro computador pessoal, um TK-90, com teclado macio. Em 1984, passei no primeiro vestibular, em Engenharia Química na UFRGS, mas não gostei do curso. Em 1985, fiz vestibular para CiC, mas não passei. Voltei a fazer vestibular para a CiC em 1986, quando fui aprovado em 12º lugar. Eram mais de 38 candidatos por vaga naquele ano. A minha turma era excepcionalmente qualificada. Muitos tiveram láurea acadêmica no final do curso. O ambiente, com alunos muito acima da média (e alguns professores-chave, por isso motivados e desafiados) foi fundamental para uma formação de excelência” (Antônio Barcellos, entrevista em 29 dez. 2016).

4.1.8 Trajetória na UFRGS – Philippe Olivier Alexandre Navaux

Figura 9 – Philippe Olivier Alexandre Navaux



Fonte: INF/UFRGS, 2016

Professor Philippe Olivier Alexandre Navaux, de aluno do Colégio Aplicação a professor titular da UFRGS. Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1970), especialização em Engenharia Nuclear pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1970), mestrado em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1973) e doutorado em Informática pela Institut National Polytechnique de Grenoble (1979). É professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e compõe o corpo docente do INF/UFRGS.

Foi coordenador de instalação no processo de mudança do INF/UFRGS e diretor do INF/UFRGS de 1998 a 2006. Seu início de funcionário começa no Instituto de Física como ele relata na entrevista.

“[...] eu parei a Física e terminei a Engenharia. Mas, naquele período, fui trabalhar como bolsista de Iniciação Científica lá na Física. Então, eu trabalhava lá. Quando me formei em Engenharia, a Física precisava de engenheiros para fazer funcionar os laboratórios deles de experimentação dos equipamentos. E aí eles montaram um grupo de quatro professores/engenheiros que poderiam ajudá-los. Assim, eu comecei, digamos, como funcionário da Universidade. Primeiramente, nesse projeto, lá na Física. Depois, quando eu tava lá, nesse período, houve daí o interesse do pessoal da Física com o pessoal do CPD de criar um curso em Computação ou Informática na época” (Philippe Navaux, entrevista em 09 out. 2016).

4.1.9 Trajetória na UFRGS – Silvania Vidal de Azevedo

Figura 10 – Silvania Vidal de Azevedo



Fonte: INF/UFRGS, 2016

Silvania Vidal de Azevedo começou sua trajetória na UFRGS como aluna da Escola Técnica no curso de secretariado. Foi bolsista no CPD na Divisão Acadêmica em 1978, iniciando assim, sua carreira profissional na UFRGS. Esteve presente na transição de Divisão Acadêmica para Departamento de Informática e finalmente Instituto de Informática. Atualmente, é gerente administrativa do INF/UFRGS e relata seu início de carreira na UFRGS:

“Desde que eu comecei lá o estágio foram três anos. Acabou o estágio e fui contratada na época em março de 1981 e fiquei até hoje. Peguei toda essa transição de divisão acadêmica, depois Departamento de Informática e por fim Instituto de Informática” (Silvania Azevedo, entrevista em 09 set. 2016).

4.2 Temas e Categorias de Análises

A seguir, no Quadro 2, identificam-se as categorias e os núcleos de sentido para a realização da análise de conteúdo.

Quadro 2 – Categorias e Núcleos de Sentidos

TEMA	CATEGORIA	NÚCLEOS DE SENTIDOS
Memórias dos Docentes e Técnicos-Administrativos	Categoria 1 – Memórias do Campus Centro-UFRGS	Instalações Relações Interpessoais
	Categoria 2 – Memórias da Mudança	Mudança de sede Relações Interpessoais
	Categoria 3 – Memórias do Campus do Vale-UFRGS	Instalações e expansão Relações Interpessoais Tempo presente

Fonte: Autoria própria, 2017.

Os eixos fundamentais do estudo são as categorias que remetem às memórias dos docentes e servidores técnico-administrativos sobre suas vivências no Campus do Centro, período da mudança e Campus do Vale. Nos núcleos de sentidos, as relações interpessoais e infraestrutura, destacam-se em alguns trechos das falas dos servidores de forma a permitir a análise.

4.2.1 Memórias do Campus Centro-UFRGS

A partir das perguntas do Roteiro Geral, no item 2 (Campus Centro), os entrevistados buscaram memórias referentes a esse espaço. Alguns com grande riqueza de detalhes, outros mais sucintos, mas em todos eles emergiram pontos positivos e negativos daquele período com relação às instalações, aos espaços e aos equipamentos. Outro ponto levantado foi a relação com os colegas, fossem eles docentes ou servidores técnico-administrativos.

É consenso entre os entrevistados a respeito das instalações serem reduzidas, “apertado”, mas esse mesmo espaço tinha também qualidades e bons equipamentos para a formação dos alunos. Conforme o professor Luis Lamb, “embora a infraestrutura de ensino e pesquisa fosse mais reduzida, os equipamentos eram de boa qualidade”.

O professor Philippe Navaux participou desse período e relata em suas memórias a respeito das instalações apertadas, já que a infraestrutura era dividida com a Engenharia Elétrica.

“Do ponto de vista de instalação, era muito apertado, e a gente chamava aquilo de baia. Na verdade, uma parte do instituto, que antes era a pós-graduação, era dentro da Engenharia Elétrica. Eram salas da Engenharia Elétrica que, meio que, a informática tinha pegado.[...]. Como o pé das salas era muito alto, então a gente dividiu[...]. Os professores ficavam naquele mezanino. A altura era de 2,20 m, ou seja, era baixinho, mas tudo bem! Nesse espaço, tínhamos salinhas onde mal cabia uma mesa e o professor... havia várias dessas baias espalhadas” (Philippe Navaux).

O mesmo acontece com Luís Otávio, o qual se lembra dos laboratórios que eram apertados, como os mezaninos que os alunos utilizavam, e a relação que existia com os demais funcionários ali presentes.

“Mas a infraestrutura de lá era muito complicada porque era tudo mezanino, era tudo apertado... os laboratórios tinham os seguintes nomes: LDS 1, LDS 2, LDS 3. Então, era um em cima do outro e no mezanino, onde o pessoal trabalhava, era muito apertado, pois ainda tinha mais o laboratório de graduação que era uma sala só. A parte de infraestrutura era muito apertada. O administrativo também era pequeno, eu nem tinha tanto vínculo com esse setor... eu tinha mais vínculo com a biblioteca que ficava perto de mim. A gente interagia muito porque havia alguns projetos em que as bibliotecárias usavam um equipamento específico, que era o mixdoorlab, e eu as ajudava a trabalhar nesse projeto que foi desenvolvido pelo Nelson Matos. Em função disso, nós interagíamos mais ali, a parte administrativa ficava mais no outro lado” (Luis Otávio Soares).

A servidora técnico-administrativa Sylvania lembra o espaço que era compartilhado com a Engenharia Elétrica e Civil, bem como os equipamentos utilizados pelo corpo administrativo.

“O nosso espaço era muito precário, era muito pequeno, pois a gente compartilhava com a Engenharia, a Engenharia Civil e depois com a Elétrica, porque a gente ficava num pedacinho no fundo da Engenharia, onde é o atual SESUPE, e parte da Engenharia Elétrica era destinada aos professores, a biblioteca, os laboratórios. Não existia essa área que nós temos atualmente. O ponto negativo lá no Centro era o espaço físico” (Sylvania Azevedo).

“De início era um horror porque quando entrei lá acho que era uma salinha de 2 m² ... e trabalhavam quatro pessoas, eu ficava debaixo de um armário numa mesinha que cabia uma máquina de datilografia, pois na época não existiam computadores de pequeno porte... então a gente usava máquinas elétricas e eletrônicas, mimeógrafo à tinta, mimeógrafo a álcool... mas era muito prazeroso trabalhar lá. As pessoas com quem eu comecei eram realmente fantásticas a Vera, o Nelson, o Luis, a Lourdes” (Sylvania Azevedo).

Como Luis Otávio trabalhava diretamente com os alunos nos laboratórios, ele lembra de fatos acontecidos entre os alunos da graduação e da pós-graduação, além detalhar a estrutura que existia no Campus Centro. Pode-se verificar que as

identidades são feitas por disputas; jogos de poder. As narrativas explicitam algumas dessas rupturas, “primos pobres e primos ricos”, em forma de brincadeira dita entre os alunos, lembrado pelo Luis Otávio.

*“Montei uma infraestrutura, comecei a organizar e a ver como era o serviço. Depois de muito tempo, nós tínhamos lá os laboratórios da pós-graduação e os laboratórios da graduação. Uma vez, os alunos da graduação reclamaram do tipo de equipamento que tinha, e o Heuser (professor) chegou e disse assim pra mim: ‘Luis Otávio, o que tu acha da gente unir os laboratórios e tu assumir tudo?’ [...] Novamente, minhas perninhas tremeram...e eu fui nessa conversa, e o professor Clésio na época já era diretor, mas não era instituto ainda, era pós-graduação e o laboratório da graduação do curso de tecnólogo. Assumimos e dentro desses dois laboratórios havia uma porta de vidro dividindo os laboratórios da graduação e os da pós-graduação. Então, a brincadeira que tinha lá é que **eram os primos ricos e os primos pobres**, os primos ricos eram os equipamentos dos alunos da pós-graduação e os primos pobres da graduação. Nós montamos essa parte dos laboratórios e fizemos toda a organização” (Luis Otávio Soares).*

Mesmo com ênfase nas dimensões da infraestrutura, o espaço tinha pontos positivos pelo fato de o local ter sido próximo ao Centro, como é relatado pelos docentes e servidores técnico-administrativos, Luís Lamb, Elisabeth do Nascimento e Juergen, respectivamente.

“O ponto mais positivo era o acesso ao ambiente cultural de Porto Alegre e a espaços de convivência que a cidade oferece, além de parques, praças, restaurantes, comércio e facilidade de locomoção e transporte. O mais negativo era a limitação de infraestrutura de nossos laboratórios e espaços para pesquisa” (Luís Lamb).

“Assim, na época do Centro, a gente sempre teve uma relação boa, eu não tinha muitos problemas A gente sempre brincava um com o outro, ajudava, buscava ajuda, mas a infraestrutura tinha que ser todo mundo mais achegado, todo mundo junto. A questão de lá ser melhor era em função do tempo que a gente tinha de almoço, pois também era possível fazer outras coisas no Centro de Porto Alegre” (Elisabeth Nascimento).

“Era só subir aquela praça da Argentina... subir a João Pessoa e já estava no Centro... e lá havia as lojas de eletrônica na Alberto Bins... era relativamente perto...” (Juergen Rochol).

O professor Marinho, na época aluno do Mestrado em Ciência da Computação, expõe sua visão a respeito dos pontos positivos a proximidade do centro e negativos que não havia espaço adequado de se estudar no Campus Centro durante esse período.

“Pelo lado positivo, a sede no Centro era conveniente pela sua proximidade dos principais bairros da cidade, sendo alcançável rapidamente com um transporte público. Havia muitas opções de almoço e a proximidade de comércio. A proximidade do Parque da Redenção era positiva também. Do lado negativo, não havia espaço adequado: os laboratórios e as salas de aula eram bastante apertados, abafados, e a locomoção entre salas era mais difícil” (Marinho Barcellos).

A partir dos relatos, foi identificado um dos núcleos de sentido abordados, as relações interpessoais entre docentes e servidores técnico-administrativos, sempre presentes nas memórias dos entrevistados. Assim, é possível perceber percepções diferentes. Por um lado, há indicação de maior proximidade no Campus Centro. Silvania coloca interação inclusive com os alunos, e Palazzo coloca que existiam relações de proximidade por ser um grupo muito menor. Por outro lado, há indicação de que isolamento de técnicos administrativos no Campus Centro, como indica Elisiane ao pontuar que os funcionários ficavam separados no Campus do Centro.. Essa percepção distinta, pode se dar pela organização do espaço físico, que era inclusive em prédios separados e sem existência de áreas comuns de convivência.

“A parte de relacionamento era muito boa[...] É importante dizer que, lá nos anos de 1990, a cidade era muito mais tranquila e tal, mas o ambiente era muito bom, só que era muito apertado, com dificuldade, [...] Os laboratórios tinham máquina e tudo, mas era apertado, assim como os laboratórios para as aulas e tudo mais, mas era legal. Era legal porque havia uma maior proximidade” (Philippe Navaux).

“A relação de trabalho entre professores e servidores técnico-administrativos sempre foi muito positiva no Instituto de Informática e focada na evolução acadêmica da Unidade” (Luís Lamb).

”[...] Um dos pontos positivos que eu considero muito importante era o fato de ser um grupo menor. Mesmo ficando em prédios separados, tinha uma integração muito grande, inclusive com os alunos.[...] Mas era um grupo pequeno e era mais tranquilo de trabalhar, era mais tranquilo de conviver, era mais tranquilo de conhecer pessoas” (Silvania Azevedo).

“Havia uma maior integração com os demais componentes da UFRGS. Aspecto Negativo: o espaço de trabalho. O espaço era limitado, porque tínhamos apenas o espaço do CPD e espaço emprestado da Escola de Engenharias. Mas te lembra que ainda não era Instituto de Informática, este foi criado muito depois. As relações eram entre um grupo muito menor, eram muito mais pessoais do que agora” (José Palazzo).

“A relação até era boa... só que não era tão direta como é hoje... a gente conversava com os professores..., mas os funcionários ficavam mais separados... e agora melhorou nesse sentido porque a gente conversa mais com os professores” (Elisiane Ribeiro).

Elisabeth relembra a sua relação profissional e de amizade com os servidores técnico-administrativos, enfatizando as relações interpessoais entre o grupo que eram consolidadas pelas festas no final do expediente. Para Elisabeth existia proximidade pois o grupo era menor, mas não incluía todos os membros da comunidade acadêmica, isto é, indica boa relação com alunos/monitores e maior distanciamento com docentes.

“[...] Como eu comecei como telefonista, busquei conhecimento do DOS e quem me ensinou foi a Guacira que era a outra colega. Então, lá a gente aprendia na marra, e ela me ensinou toda a questão dessa área de computadores. Então, quando eu fui para secretaria, já sabia algumas coisas que ela tinha me ensinado, mas era muito pouco. No meu setor a gente usava mais a máquina de datilografia elétrica... e como eu já tinha curso de datilografia não foi difícil. Na época, as gurias da secretaria faziam a apostila dos professores com cópia naqueles... como chama?... tinha o mimeógrafo, tinha o outro aquele...o carbono! A Guacira era uma que fazia a apostila dos professores com cópia usando carbono nas máquinas elétricas” (Elisabeth do Nascimento).

“[...] Em função das relações interpessoais, a gente tinha festa depois do expediente na arquitetura, almoço na arquitetura porque nós não usávamos muito o restaurante universitário na época. A relação com os alunos (tecnólogos) era mais próxima com os monitores, com os professores era mais distante” (Elisabeth do Nascimento).

Os depoimentos reforçam o que sugere Assmann (2011), de que a memória é capaz de acumular informações, de recordar experiências e de conservar informações. Nesse caso, nomes de pessoas, sensações e sentimentos constituem parte das memórias construídas durante o tempo.

Com base nos relatos dos docentes e servidores técnico-administrativos, identifica-se que no Campus Centro, ainda como Divisão Acadêmica, o espaço (físico/geográfico) era precário, apertado, barulhento, devido ao trânsito da cidade, o que tornava difícil a execução da jornada de trabalho. Os relatos demonstram também um ponto positivo nestas percepção que era a proximidade com o Centro da cidade. Percebe-se a relação da memória dos entrevistados ligados ao espaço físico, como coloca Milton Santos, como espaço essencialmente social “pois impõe a toda gente” (SANTOS, 1978 , p. 144). Sob o viés do espaço como essencialmente social (Santos, 1985), há diferentes percepções das interações entre os membros do INF/UFRGS. Se por um lado há um indicativo de uma maior integração entre alunos e servidores técnico-administrativos, a relação desses com os professores depende do entrevistado, havendo diferentes percepções. Suas memórias relembram o

mesmo espaço, tempo e a familiaridade com as pessoas que lá trabalhavam. A lembrança dos nomes dos funcionários demonstra que a interação realmente existiu e que marcou a memória de cada um de forma diferente e particular dentro de cada grupo.

4.2.2 Memórias da Mudança

Nesta categoria, partiu-se dos questionamentos surgidos após as perguntas do Roteiro Geral, no item 3 (A mudança), cujo objetivo foi lembrar de que maneira foi criado o INF/UFRGS e como ocorreu sua mudança do Campus Centro para o Campus do Vale, destacando o tempo e a importância dessa mudança para o INF/UFRGS. Conforme o professor Navaux, o processo de criação do Instituto levou em torno de 10 anos para ser finalizado.

“Lá nos anos de 1980, o tecnólogo vira uma graduação, mais ou menos em 1985. A pós-graduação que tinha começado com o mestrado, cria o doutorado lá pelos anos de 1987/1988. Então, naquele momento, nós tínhamos o curso de graduação, o de pós-graduação (mestrado e doutorado), mas isso estava meio que espalhado. Quer dizer, estava assim embaixo do CPD, embaixo da Física etc. E aí teve um movimento, que começou lá no início de 1980 dos professores dizendo: ‘olha, nós temos que ter uma instituição, um instituto, nós temos que ter assim como tem a Escola de Engenharia, a Escola de Economia, a Faculdade de Medicina, nós temos que ter o Instituto de Informática’. E foi feito o projeto, teve uma comissão que preparou isso, composta pelo prof. Clésio Saraiva dos Santos e outros e tal. E o grande problema é que esse processo não avançava, porque toda vez uma das unidades existente reclamava. Então a coisa foi e voltou, foi e voltou e levou 10 anos até se conseguir criar. Quando é que se conseguiu criar? Se conseguiu criar, quando teve eleição para Reitor.[...] Foi escolhido pelo MEC o prof. Gerhard Jacob. Ele depois de quatro ou cinco meses, pegou aquele processo, levou pro Conselho Universitário e foi aprovado lá. Agora, não me lembro exatamente...talvez agosto... setembro ou novembro, não lembro. Naquele período, no segundo semestre de 1989, foi criado o Instituto de Informática. Então, oficialmente, a universidade tinha mais uma unidade” (Philippe Navaux).

“O prof. Gerhard me chama, num belo dia, e me diz: ‘olha, precisamos alguém para instalar o instituto’... ele me convidou e aí, portanto, fui o primeiro diretor que fez a instalação. O nome não era diretor, era coordenador, mas era o que fazia a instalação” (Philippe Navaux).

Enfatizando mais uma vez o que já havia sido lembrado na seção anterior, o professor Navaux fala sobre o espaço “apertado”, destacando a necessidade de realizar a mudança para o Campus do Vale em razão dessa situação. Sylvania relata

ainda sobre o momento traumático que a mudança representou para os funcionários.

“Nós estávamos apertados. Não tinha mais lugar prá mais professor. Não tinha lugar pros laboratórios, não tinha lugar para nada. Quer dizer, a gente foi meio que empurrado prá vir pro Campus. Claro que foi uma decisão, não foi algo impensado... vamos pro Campus e pronto! Por quê? Porque naquela época nem todas as unidades que vieram pro Campus, ficaram aqui. Algumas vieram e voltaram. Assim o pessoal da Administração veio, mas claro, foi em épocas anteriores e não achou muito bom, acharam muito longe e chegaram a voltar. Mas, no nosso caso, não tinha opção. Vamos ficar onde, não tinha onde ficar” (Philippe Navaux).

“Olha, desde que eu entrei, em 1978, já se ouvia falar que um dia aconteceria a mudança para o Campus do Vale, era um desejo de toda a comunidade, mas o foco do início mesmo foi dos professores do instituto e claro que depois a administração central abraçou essa ideia, e aí tocou em frente. Mas a negociação iniciou em 1978 quando eu entrei e depois teve todo um processo de criação e de tramitação. Isso levou anos também, até que em 1989, em novembro de 1989, foi criado o instituto, mas ainda não tínhamos a área pronta aqui... tanto é que o instituto veio para cá em 1991, eu ainda vim em 1992, fui uma das últimas a vir com os professores. A negociação com os professores até que foi tranquilo, mas para os funcionários foi bem traumático porque a gente iria perder muito com a proximidade do Centro, até porque a infra daqui era muito precária na época” (Silvania Azevedo).

Os professores, Palazzo e Luís Lamb, tiveram o mesmo entendimento de que o local ocupado no Campus Centro já estava cheio e que havia a necessidade de mudança para o Campus do Vale, com dimensões mais adequadas para o funcionamento do Instituto.

“Foi uma ação conjunta, o espaço no Centro estava completamente ocupado e havia a possibilidade de ocuparmos espaço livre no Campus” (José Palazzo).

“Eu participei como estudante. Inclusive tivemos participação direta na preservação de um laboratório de computadores para os estudantes de graduação no Campus Central durante um semestre adicional. A vinda para o Campus do Vale partiu da Unidade, pois o Instituto estava em expansão, com mais alunos de graduação e pós-graduação e em processo de contratação de doutores. Isso demandava mais laboratórios de ensino e pesquisa, espaços administrativos e gabinetes. O processo levou alguns anos, mas a mudança, depois da conclusão das obras no Campus do Vale, ocorreu relativamente rápido” (Luís Lamb).

“O professor Clésio disse: [...] ‘eu quero que tu gerencie toda a parte de mudança dos laboratórios de pesquisa para o Campus do Vale’ e eu disse: ‘como assim?’ O Heuser sempre foi muito objetivo... ‘tu organiza a mudança, tu organiza isso, faz o laboratório e depois a gente acerta’ ...eu nem tive tempo de dizer sim ou não. Isso já era instituto, eu lembro muito bem em 1989...1990” (Luis Otávio Soares).

“Naquela época as máquinas eram... Máquina IBM... não tinha tanto espaço físico como tem hoje aqui... e a sala era menor, mas depois que a gente mudou para cá (Campus do Vale) melhorou...” (Elisiane Ribeiro).

Diante dessa perspectiva de aumento de espaço e possibilidade de expansão, inicia-se então o processo de transferência para as novas instalações recém-construídas no Campus do Vale, que abrangiam uma área de cerca de 4.000 m², um prédio e meio com três pavimentos. Atualmente, após 27 anos de sua criação, o INF/UFRGS conta com 7.500 m² de área com quatro prédios de dois pavimentos cada: um crescimento significativo. Por isso, Luís Otávio faz referência a esse aumento de espaço físico:

“Nós saímos ‘da minha casa minha vida’ para um apartamento ‘tríplex’, pois eram instalações maravilhosas e salas lindas, sem nada, mas nós vínhamos pra cá! Não tinha quem não ficasse deslumbrado com a infraestrutura que nos estávamos pegando... isso que na época nos estávamos recebendo um prédio e meio, não, somente este aqui” (Luís Otávio Soares).

Nos relatos dos docentes e servidores técnico-administrativos entrevistados, constata-se que o maior impacto da mudança foi em relação à perda da proximidade do Centro da cidade, além de a infraestrutura inicial no Campus do Vale não ter sido uma das melhores, apesar de as dimensões terem sido mais amplas. Como Halbwachs (1990) coloca, a memória coletiva é formada por fatos relevantes e são guardados como memória oficial de um grupo.

É possível perceber que durante o processo de mudança para este novo local, o espaço configura-se essencialmente social. A formação deste não se dá apenas pela relação de disposição das coisas, mas do espaço constituído pelo conjunto de coisas e seres humanos que formam determinada comunidade (SANTOS, 1985). Dessa forma, em consonância com a concepção proposta por Santos (1985), a nova disposição dos laboratórios e da biblioteca, em locais mais amplos e ensolarados, criou condições para uma melhor convivência entre alunos da graduação e pós-graduação. Tal conjunto de fatores na convivência de um mesmo espaço criou melhores condições para o desenvolvimento e a produção científica, mas, sobretudo, favoreceu o fortalecimento das relações sociais dentro dessa comunidade acadêmica.

4.2.3 Memórias do Campus do Vale-UFRGS

Nesta categoria, foram colhidos os depoimentos a partir das perguntas do Roteiro Geral, no item 3 (Campus do Vale), referentes às memórias da chegada ao Campus do Vale, da relação interpessoal entre docentes e servidores técnico-administrativos e a relação com o novo espaço. As perguntas giraram em torno dos seguintes aspectos: como foram os primeiros tempos?; Pontos positivos e negativos; e como ficou a integração entre docentes e servidores técnico-administrativos?

Os entrevistados relatam como foi iniciar os trabalhos no Campus do Vale, o envolvimento do INF/UFRGS para conseguir as melhorias de infraestrutura necessárias no Setor 4. Dentre essas melhorias estão melhorias na área de transporte, alimentação, eletricidade e infraestrutura em geral. O pertencimento ao novo espaço esteve atrelado as ações necessárias para a manutenção da qualidade de ensino do Instituto.

“A gente via aqui no Setor 4 só o esqueleto dos prédio. Havia só dois prédios construídos, era tudo... como é que se diz? Só as vigas dos prédios sem as paredes, sem nada, e o nosso, inclusive, era o prédio 43424 e 43425, onde havia algumas salas de aula e laboratórios. O resto não existia... nem o prédio dos professores na parte superior, tanto é que o Luis Otávio, a Vera, a direção vieram para cá em 1991. Eles fizeram a mudança, claro, aquela muvuca faz caixa, numera caixa, numera sala. Aquilo ali tudo eu participei, mas eu não vim. Depois, fiquei grávida da minha filha Juliana e não acompanhei mais essa parte operacional da mudança. O Luis Otávio cuidava dos laboratórios, a Vera embaixo com a parte administrativa porque lá não era o prédio administrativo... a gente ficou provisoriamente instalado em um prédio depois veio também a biblioteca provisória. Naquela época, nós tivemos que liberar o espaço da engenharia, então fui para a sala da biblioteca que ficava no prédio da engenharia elétrica e fiquei lá com os professores. Eles vinham para a aula e voltavam para os gabinetes que ficaram lá (Campus Centro). No final de 1991... início de 1992, eu vim também com os professores para cá, eu não tinha ganhado a Juliana ainda. Ela nasceu em setembro, e vim para cá quando estava com uns três, quatro meses” (Silvania Azevedo).

“Não tinha escadaria, não tinha corrimão, não tinha bar, não tinha nada aqui em cima [...] Não tinha nada, só mato. Não tinha ônibus que subia até aqui... a gente tinha que descer e subir a escadaria. Não estou lembrando se tinha escadaria... eu acho que tinha a escadaria ou era barro, não, era escadaria, pois já estavam terminando de construí-la, mas, como tu disse, era desbravar...” (Silvania Azevedo).

“Aqui só tinha a Biotecnologia e a Ecologia e lá eram dois prédios de Engenharia, e o de Ciências veio depois também. Então, realmente era bem caótico aqui, porque na universidade só havia o setor 1, 2, 3 e nós aqui em cima, setor 4. Tivemos que tomar várias medidas para solicitar muitas reivindicações para a universidade, inclusive negociar com as empresas de ônibus para as linhas subirem em determinados horários. Se tu perceber,

até hoje é a linha da sudeste da Agronomia tem uma placa indicando que vai até a Informática. Isso é ainda fruto do que o instituto conseguiu negociar com as empresas de ônibus. No início, era umas plaquinhas de papelão, mas agora tá no letreiro e continuou, não tiraram porque agora todos os ônibus fazem o trajeto até aqui depois que houve essa conversão da mão. Os outros institutos do Setor 4 nunca foram atrás, e nós chegamos aqui e fomos atrás para negociar com as empresas de ônibus. Claro que a UFRGS ajudou, mas a negociação toda foi nossa....[...] Nós aqui tivemos que ceder uma área para ter uma sala provisória de refeição. Então, a gente fez uma licitação e pegamos a área de serviço para fazer um bar ali, no início era pequeno e servia poucos almoços. Depois toda a comunidade foi beneficiada... e aos poucos tu viu como é que é hoje, né? O instituto sempre teve a iniciativa de manter essa infraestrutura mais adequada que satisfazia o pessoal do setor. O INF teve um prédio e meio e hoje está com quatro prédios, dois módulos de serviço, e a área de gerador nobreak” (Silvania Azevedo).

“[...] Depois que vieram pra cá se envolveram... Sem dúvida, sem dúvida. Na verdade, não vou dizer sozinho, mas uma boa parte das instalações, por exemplo, o bar, que era o local que o pessoal chamava do lido foi a Informática que criou. Aqui não tinha estacionamento e nada era asfaltado, era tudo barro. Aí a gente foi brigando, brigando, aí fizeram o estacionamento. Aí, briga, briga, briga e no final do mandato da Wrana Panizzi (Reitora), fizeram aquele Anel e, ao mesmo tempo, fizeram os estacionamentos aqui. Aí fecharam os estacionamentos que nem tão hoje... mais ou menos. Mas isso tudo foi conseguido brigando anos e anos. Quer dizer, briga no bom sentido. Sim, reivindicar, insistir e tudo mais. E, sem dúvida, a Informática teve parte preponderante nas mudanças e nos melhoramentos dessa parte aqui do Setor 4” (Philippe Navaux).

“Os pontos negativos naquela época também incluíam a questão da segurança, pois aqui era mais abandonado e coisa e tal, mas graças a Deus até que não foi tanto [...] Sim, nós povoamos, quando nós chegamos aqui no setor 4 tinha apenas a Ecologia e a Biotecnologia, e nós chegamos aqui revolucionando e tomando conta. Então meio que fomos dominando e organizando. Não tínhamos lugar para comer, tanto é que o bar que tinha era nas nossas instalações, no nosso módulo de instalação. O pessoal costumava dizer vai lá no bar da Informática, aliás algo parecido acontece com o ônibus. Outro dia, eu estava na sinaleira, e a minha filha: ‘olha lá, pai, continua a mesma coisa’, tem ônibus que ainda diz Campus Informática, e isso é uma daquelas questões dá orgulho... é muito bom para nós” (Luis Otávio Soares).

“[...] Por isso quando se mudou pra cá (Campus do Vale) isso aqui era um paraíso... tu abria a janela e via Sol...” (Juergen Rochol).

Crescer como Instituto, mesmo com os problemas encontrados no novo espaço, foi um desafio encarado pelo grupo e que acabou se tornando um motivador para a união deste. Tal união foi fortalecida a partir de um objetivo comum, a expansão do Instituto, que acabou sendo motivada pela promessa de construção de novas instalações.

“Os primeiros tempos foram positivos, pois houve um aumento muito grande de área física. Nos primeiros momentos, todos os que vieram queriam trabalhar muito pela qualificação do Instituto de Informática. Apesar da pouca infraestrutura do Campus do Vale (em termos de opções culturais,

restaurantes, transporte e infraestrutura em geral) o ambiente de trabalho era positivo” (Luís Lamb).

“Acredito que houve, sim, apropriação conjunta. O grupo que veio para o Campus do Vale era jovem e tinha como objetivo ajudar a Unidade Acadêmica a se afirmar como uma das melhores do Brasil em ensino e pesquisa. No Centro e na vinda para o Vale, o grupo de pessoas da Unidade era menor, o que facilitava a integração. No entanto, mesmo com o crescimento da Unidade, foi mantida a colaboração entre as pessoas” (Luís Lamb).

“Nós tínhamos que vir para cá...não tinha outra solução, se nós queríamos crescer, ter laboratório, fazer um trabalho de qualidade, precisava vir para cá. Aí viemos com todos os problemas, porque, naquela época, a luz volta e meia desligava . Nós tínhamos muito corte de luz, o que era muito ruim para os equipamentos, para os computadores. De repente, todo mundo tinha que ter nobreak etc. Hoje a luz tá bem melhor, mas a gente foi obrigado depois a botar instalação e grupo gerador. Tudo isso foi necessário, porque era bastante complicado. No início, foi difícil, mas depois rapidamente o pessoal se adaptou e foi muito bom” (Philippe Navaux).

As festas de confraternização de final de ano, os aniversários e o convívio entre docentes e servidores técnico-administrativos fundamentam como núcleo de sentido a relação interpessoal que continuou entre ambos os grupos apesar da mudança para o novo espaço.

“[...] A interação continuou, porque era uma família. Como eu te disse, era um grupo bem pequeno, não é que era pequeno, mas era um grupo muito unido. As pessoas faziam jantares e iam com as famílias, e a gente participou disso. Claro que depois o corpo docente foi crescendo, e a gente recebeu vários funcionários o que acabou separando um pouco os dois grupos. Mas eu, Sylvania, trabalhando como gerente administrativa aqui na direção, sempre tive essa integração com qualquer professor.[...] Agora até tá mais parado, mas a gente fazia festas de aniversário, com professores, funcionários e alunos.[...] Para haver integração, no fim de ano tinha festa de confraternização para fazer algumas atividades, os alunos faziam, com a ajuda dos funcionários, o campeonato de futebol, não sei se tu lembra dos campeonatos de futebol?” (Sylvania Azevedo).

A Elisabeth durante a entrevista relembra que existia a integração entre funcionário como relação interpessoal ativa, no qual faziam parte do Coral do Instituto, e lembrou que no acervo do INF/UFRGS tinha uma foto do Coral, que foi importante para o registro no produto final da dissertação .

*“Há algum tempo a gente começou a ver que e tinha que fazer atividades para ajudar na consolidação das relações interpessoais entre professores e servidores técnico-administrativos. Então, a gente começou a fazer **coral**, a ter atividades de ioga, alongamento, sempre buscando com a pró-reitoria, na época era recursos humanos, ajuda no sentido de alcançar o objetivo de fortalecer as relações interpessoais. Algumas coisas a gente conseguiu, outras não, mas conforme ia passando o tempo de convívio a gente começou a ter outras atividades, festa de aniversário de dois em dois meses etc.” (Elisabeth do Nascimento).*

Verifica-se que existe nas falas dos entrevistados a referência quanto a Identidade de grupo. Na fala a seguir de Navaux, indica o trabalho de diferentes grupos ou equipes para atingir resultados. Por exemplo, a qualidade do INF/UFRGS seria o resultado de todo o grupo, e ao mesmo tempo, dá crédito a gestão dos diferentes diretores aliado à comunidade acadêmica. Outras falas selecionadas, reforçam a preocupação com a infraestrutura (espaço enquanto área física) mas também com a

*“Esse esqueleto aqui do (prédio) 67 [...] Como tinha teto e tinha laje, a gente aproveitou aquele período antes que fechasse e se colocasse tijolo e tudo mais, porque foram momentos diferentes. [...] Então enquanto tinha essa parte aí, a gente fazia churrascos aqui. E era bastante bom, porque era integrador. Todo mundo saía da sala, do seu laboratório e vinha aqui. Hoje quando a gente faz uma festa tem que ir lá para baixo ou tem que ir para fora. Enquanto lá a gente pegava um daqueles barris serrados e fazia a churrasqueira. E tinha todo o pessoal que assava ali e fazia um ótimo trabalho, um ótimo churrasco. [...] Tem que ser um ambiente saudável, cordial, de bom relacionamento, e **todo mundo tá junto aqui prá ter o resultado do instituto, da qualidade, do bom ensino da pesquisa, todos esses resultados que se consegue pra sociedade.** E prá ter um bom ambiente, é essencial ter esses momentos de confraternização, de se encontrar...embora a gente se encontre no trabalho, mas também é bom um pouquinho em volta de um churrasquinho. Isso é muito bom entre os funcionários e os professores” (Philippe Navaux).*

*“E isso é uma das qualidades do instituto. Ele conseguiu crescer numa relativa harmonia. Conhecendo outras unidades, a gente sabe que, em várias unidades, existe grupinho. Um grupinho não conversa com outro. Esse tem dinheiro, o outro não tem dinheiro... Essa sala é dele, então aquele grupinho tem as salas e não dá as salas para os outros. **Aqui, graças a Deus, e acho que isso é resultado das gestões, dos diretores e, claro, da comunidade,** as coisas são bastante institucionais, quer dizer, ninguém é dono. Ah não, essa sala é eternamente aqui. [...] Há união, sem dúvida, e isso ajudou no crescimento do instituto e eu acho que tem que ser preservado. Então, tem que cuidar muito as próximas gestões e sempre ter esse cuidado com a parte institucional para manter esse ambiente” (Philippe Navaux).*

“[...] Hoje nós temos 35 laboratórios de pesquisa, 15 laboratórios de ensino, 18 salas de aula, 4 auditórios, videoconferência... hoje nós temos uma infra.... Biblioteca ampla em um andar inteiro, a parte administrativa também é ampla, os gabinetes têm até dois docentes por sala, e não três, quatro professores por sala. Realmente, a infra daqui é coisa de outro mundo” (Silvania Azevedo).

“Hoje em dia, existe uma ou duas anuais, pelo menos. No fim do ano, há sempre uma confraternização entre professores, chamada de ‘champagnada’” (Marinho Barcellos).

Um dos entrevistados, Palazzo, apresenta a ideia de inexistência de uma área comum, como se fosse necessário um espaço oficialmente destinado para garantir a convivência enquanto um grupo. No entanto, existem diferentes espaços que permitiam e permitem a convivência, tais como os citados por Lamb.

“Aumentou muito o número de pessoas envolvidas, o INF se distribuiu em vários prédios sem uma área comum de encontro, então o relacionamento ficou bastante impessoal. [...] O grupo se tornou mais um grupo de trabalho, anteriormente havia mais integração pessoal” (José Palazzo).

“Sempre houve celebrações. No passado, talvez houvesse mais celebrações, pois o grupo era menor, facilitando os encontros. O mais marcante, como estudante, era a convivência nos restaurantes, espaços culturais, bares e nas lancherias dos diversos prédios do Campus Central e das proximidades da UFRGS” (Luís Lamb).

Ao longo das narrativas dos entrevistados, eles mencionam a dificuldade de infraestrutura que encontraram no Campus do Vale, mas apesar disso, a união entre eles deu condições para superar as dificuldades apresentadas. Nesse sentido, a confraternização entre os grupos foi decisiva para consolidar essa união. No entanto, apesar do aumento do espaço, as relações sofreram transformações, tornando-se mais impessoais, como identifica apenas o professor Palazzo durante seus relatos.

Novamente, em relação ao núcleo de sentido relação interpessoal, baseado nos referenciais escolhidos, Santos (1977) coloca que não é possível desvincular o espaço das relações sociais que são estabelecidas e que acontecem nesses espaços. Nesse mesmo sentido, o tempo também exerce influência sobre as relações sociais e o espaço. Conforme Stuart Hall, citado por Woodward (2000), não é possível negar a identidade do passado, apenas o reconhecimento de uma permanente transformação, o que demonstra sua fluidez.

A abordagem de Hall interessa particularmente aos objetivos desta pesquisa, a qual enfatiza que as identidades são decorrentes de construções “que precisam ser entendidas como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2000, p. 109).

Atualmente, o atendimento dos servidores técnico-administrativos do INF/UFRGS tem sua peculiaridade, que é percebida por quem utiliza seus serviços.

O bom resultado no atendimento demonstra a capacidade de união em torno de uma memória comum que o Instituto de Informática representa para todo o grupo:

“E os professores quando usam as instalações dizem: ‘nossa.. vocês são outro mundo, até o tratamento’. A gente poderia dizer: ‘a gente empresta a instalação e te vira’, mas, não, a gente está ali e está dando assistência para o que eles precisarem, o que não seria nem a nossa tarefa, mas eles saem maravilhados com a infraestrutura e o atendimento que recebem aqui” (Silvania Azevedo).

“[...] Hoje, a gente tem uma integração muito grande com as outras universidades, Aqui dentro do Vale essa integração é em função da nossa infra que é bem mais qualificada que a dos outros cursos. [...] O comprometimento dos servidores técnico-administrativos faz muita diferença, pois até na maneira de agir perante uma atividade tem a característica peculiar do pessoal do Instituto de Informática” (Elisabeth Nascimento).

“[...] Eu acho que o pessoal se sente acolhido aqui no Instituto [...]” (Elisiane Ribeiro).

“[...]espero que as atuais e as novas gerações, tanto de funcionários quanto de professor, mantenham essa receptividade. A gente recebe bem as pessoas, faz questão de receber e de atender bem às pessoas, então eu acho que esse é um dos pontos fortes aqui dentro do instituto” (Luis Otávio Soares).

Como marca registrada do INF/UFRGS, conforme os relatos dos servidores técnico-administrativos, o bom atendimento aos alunos, à comunidade acadêmica e aos visitantes representa um dos diferenciais de qualidade do Instituto de Informática. Desse modo, a construção do sentimento de pertencimento ao novo espaço, e deste com funcionários e professores, auxilia no fortalecimento de uma identidade de grupo, atualmente consolidada e reconhecida positivamente fora do Instituto, podendo ser seguida por outras unidades da UFRGS ou fora dela.

4.2.4 Considerações

Nas falas dos entrevistados, cabe identificar alguns tópicos em comum, importantes a serem destacados, como espaço, equipamentos, relações interpessoais, mediadas pelo espaço.

O espaço apertado no qual se encontravam no Campus Centro, utilizando dependências da Engenharia Elétrica para poder funcionar, foi o ponto destacado entre os entrevistados. Os laboratórios distintos entre a graduação e pós-graduação, a relação entre alunos e servidores técnico-administrativos sendo por vezes mais

próxima do que entre os docentes. Estes acabaram ficando separados nos prédios, dificultando a interação entre os grupos.

Os entrevistados colocam que, mesmo com facilidade de proximidade do Centro da cidade, mas com pouco espaço para as atividades, concordavam que era preciso sair das instalações e ter um lugar só do Instituto de Informática para obter mais laboratórios, salas de aula e salas para o administrativo e toda a infraestrutura que o INF/UFRGS necessitava para expansão. Isso foi necessário para manter a continuidade da qualidade nas atividades afins, que era formar profissionais com conhecimento para contribuir com a sociedade e com o avanço científico. O INF/UFRGS com padrão de qualidade na área da computação em ensino, pesquisa e extensão também se destaca hoje pelas ótimas instalações, com infraestrutura administrativa, ensino e pesquisa, laboratórios de graduação e pesquisa com equipamentos de ponta, proporcionando, assim, um bom ambiente de trabalho e oportunizando espaços de convivência entre alunos, docentes e servidores técnico-administrativos.

Os entrevistados colocam as dificuldades encontradas, nas instalações no Campus do Vale ainda em fase de acabamento dos prédios; ademais, relatam iniciativas feitas para as melhorias necessárias ao bom ambiente de trabalho. Sabiam que precisavam se apropriar do novo espaço para crescer e ser referência na área da computação. Esse empenho de crescimento como instituto necessitava da união de todos. Fazer a diferença em relação aos demais institutos era o diferencial desse grupo que em processo de formação de sua identidade tinha um objetivo em comum, que era fazer a diferença, crescer e ser considerado um dos melhores Institutos de Informática do Brasil.

Ainda podemos destacar o momento de celebração existente entre os grupos, como as festas de fim de ano, aniversários, bem como datas institucionais, no qual o INF/UFRGS festejou seus 15 anos, 20 anos e 25 anos de existência e também celebrou os 40 anos da Pós-Graduação em computação, um marco para o Instituto, reforçando a construção da identidade do grupo por meio desses momentos de celebrações.

No próximo capítulo, será apresentado o produto final, tendo como subsídio as análises realizadas.

4.3 Produto Final

Tendo em vista que o mestrado profissional exige um produto final, além da dissertação, esse produto será um Informativo com parte da pesquisa documental, com registro imagético e textual das memórias dos entrevistados que vivenciaram o período da criação e instalação no Campus do Vale do INF/UFRGS. (Apêndice D).

O Informativo contém o roteiro de 12 páginas em ordem temporal e está alinhado ao Quadro 2 (ver p. 41) na ordem das Categorias. Ele conta como foi todo o processo desde as instalações no Campus Centro, passando pela criação do Instituto, a mudança física das instalações, mostrando as primeiras impressões do novo espaço no Campus do Vale e finalizando com fotos das atuais instalações. As imagens, coletadas no setor de comunicação do INF, são colocadas como se estivessem em um álbum de fotos contando a história do período pesquisado com textos das entrevistas, memórias dos docentes e servidores técnico-administrativos e pontos marcantes e recorrentes. Para a elaboração do Informativo, foi necessária a ajuda de um profissional de designer gráfico para a elaboração do projeto. Será uma forma de divulgar esta parte da história do INF/UFRGS à comunidade acadêmica.

Também no decorrer da pesquisa se compilou informações teóricas de uma forma geral sobre o surgimento do computador, a história da informática e os impactos que essas descobertas posteriores à Segunda Guerra Mundial trouxeram para a sociedade moderna Apêndice C. Achou-se importante realizar em um segundo momento, um material didático com essas informações que poderá ser útil para as próximas pesquisas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação inicial para esta pesquisa partiu das observações desta mestrandia em relação à expectativa de estudar a memória social, tão diferente dos números que sempre a acompanharam como contadora. Desejava-se conhecer por outro viés o Instituto de Informática (INF/UFRGS) e deixar um registro para a comunidade acadêmica.

Esta pesquisa foi conduzida tendo por objetivo geral compreender como docentes e servidores técnico-administrativos do INF/UFRGS reconstróem o processo de mudança do Campus Centro para o Campus do Vale, de 1989 a 1992, período que corresponde à criação do INF/UFRGS em 1989 e a sua posterior mudança para o Campus do Vale em 1992.

Para isso, foram realizadas entrevistas temáticas com os docentes e servidores técnico-administrativos que participaram da mudança para o novo espaço no Campus do Vale. As narrativas foram importantes para nortear a pesquisa e conhecer a origem do INF/UFRGS, bem como, reconstruir o processo de mudança narrado pelos envolvidos. O Prédio com espaço vazio e possibilidade de expansão foi oferecido no Campus do Vale. Dentro dessa perspectiva do novo espaço, obteve-se a possibilidade de crescimento do grupo do instituto e também da área acadêmica. Pode-se também, por meio das narrativas conhecer detalhes das histórias e das relações interpessoais existentes no período analisado, além das dificuldades e adaptações encontradas no novo espaço do Campus do Vale.

Através da análise das entrevistas, conseguiu-se verificar que o novo espaço contribuiu na construção da identidade da equipe de trabalho, sendo um elemento de mudança. Como coloca Hall (2002, p. 38), a identidade é algo que se forma ao longo do tempo, que está sempre em “processo”, sempre “sendo formada”. Acredita-se que, com base na percepção do novo espaço, esta identidade se encontra em construção.

Com a necessidade de expansão do Instituto que necessitava de mais salas de aula, laboratórios de ensino e pesquisa, além da ampliação da biblioteca e do setor administrativo, a mudança para o Campus do Vale foi favorável, mesmo com problemas de infraestrutura encontrados inicialmente. Verificou-se que o novo espaço e a união entre docentes e servidores técnico-administrativos influenciou na construção do INF/UFRGS, pois todos trabalharam para um objetivo comum. Tal

objetivo esteve sempre relacionado com a manutenção da qualidade de ensino, de pesquisa na área da computação, com atendimento diferenciado a todos que utilizam as dependências do Instituto.

Outrossim, verifica-se que houve uma apropriação conjunta do novo espaço pelos docentes e servidores técnico-administrativos. Mesmo em menor número e jovens, estavam motivados e queriam contribuir com o crescimento do Instituto, como uma unidade acadêmica na UFRGS, para que se firmasse entre as melhores do Brasil em ensino e pesquisa, por isso consideraram que foram parte do processo de construção do INF/UFRGS.

Nesse sentido, reconheceu-se a importância de se dar voz aos docentes e servidores técnico-administrativos que estiveram à frente desse projeto institucional audacioso, que visava não somente criar mais uma unidade acadêmica na UFRGS, mas também fazer dele um instituto de reconhecimento nacional e internacional na área da computação.

Essas lembranças, caso não fossem registradas, seriam uma perda considerável de registros históricos do INF/UFRGS. Além disso, por meio dos discursos coletados, a existência de informações, que até o momento não eram conhecidas, contribuem significativamente para a construção e preservação da memória coletiva do INF/UFRGS. Nesse sentido, cabe conferir os devidos créditos aos professores Clésio Saraiva dos Santos e José Mauro Wolkmer de Castilho, ambos já falecidos, cujos trabalhos foram de alto significado simbólico na criação e mudança física do INF/UFRGS, bem como durante seu processo de constituição como Instituto. A maneira que se achou para sintetizar os achados desta pesquisa foi a elaboração de um Informativo. Esse material será disponibilizado para o setor de Comunicação do INF/UFRGS para que divulgue no site.

No que diz respeito às dificuldades percebidas para a realização da pesquisa, pode-se relatar que houve algumas modificações em relação ao projeto de pesquisa defendido em 2015. Ao longo do percurso metodológico e das discussões em eventos científicos, houve alguns redirecionamentos após as análises preliminares dos primeiros registros das memórias dos entrevistados, que se mostraram receptivos à pesquisa. A análise da construção da identidade não fez parte nos discursos dessas memórias, por isso se optou pelo redirecionamento do objetivo geral, ou seja, falar sobre a identidade, mas não como algo central da investigação, mas como elemento da mudança.

À medida que a pesquisa explorou documentos e outros materiais, permitindo reunir momentos relatados pelos entrevistados, lembranças de um período importante para o INF/UFRGS, informações antes dispersas em documentos escritos, como o boletim informativo do Instituto, também constituíram a memória da Instituição.

A presente pesquisa cria e apresenta bases com possibilidades de encorajar e auxiliar futuras pesquisas referentes à temática, com possibilidade de expandi-la, buscando analisar as memórias de alunos ou de docentes e servidores técnico-administrativos, que através de suas lembranças e vivências no uso do espaço do Campus do Vale reforçaram e enriqueceram ainda mais a memória do INF/UFRGS.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.
- ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2011.
- BACHELARD, G. A poética do espaço. In: _____. **Os pensadores XXXVII**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- BARDIN, I. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 1979.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BELL, D. **Teóricos da cibercultura**: Manuel Castells e Donna Haraway, 1965.[S. l.: s. n.], 2006.
- BRETON, P. **História da informática**. São Paulo: UNESP, 1991.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (Fim do Milênio, v. 1).
- _____. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1998. (Fim do Milênio, v. 3).
- DERY, M. Cyberculture. **South Atlantic Quarterly**, v. 91, p.508-531, 1992.
- FARIA, E.; SOUZA, V. L. T. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Psicol. Esc. Educ.**, v. 15, n. 1, p. 35-42, jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 nov. 2016.
- FERNANDES, L. K. R. **Método de pesquisa qualitativo**: usos e possibilidades. 2014. Disponível em: <<https://psicologado.com/psicologia-geral/introducao/metodo-de-pesquisa-qualitativa-usos-e-possibilidades>>. Acesso em: 31 mar. 2016.
- FONSECA, C. F. **História da computação**: o caminho do pensamento e da tecnologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- GIBSON, W. **Neuromancer**. New York: Ace Books, 1984.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2002.

_____. Quem precisa da identidade? In: HALL, S.; SILVA, T. T. (Orgs). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. Cap. 3. p. 103-133.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. **Revista Risco**, v. 9, p.185, 2009. Disponível em: <http://www.iau.usp.nr/revista_risco/Risco9-pdf/03_ref3_risco9.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2016.

INSTITUTO DE INFORMÁTICA DA UFRGS. Instituto completa 20 anos. **Boletim Informática**, n. 68, p. 3, out. 2009. Disponível em:<<http://www.inf.ufrgs.br/site/wp-content/uploads/2014/07/boletim068.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2015.

_____. 25 Anos de Excelência. **Boletim Informática**, n. 87, p. 3-7, nov. 2014. Disponível em: <<http://inf.ufrgs.br/images/boletim/2014/boletim87.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2015.

_____. Ambiente Internacional. **Boletim Informática**, n. 91, p. 2. fev. 2017. Disponível em: <http://www.inf.ufrgs.br/site/wp-content/uploads/2014/07/informatica-UFRGS_ed-091_grafica_ver-2.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2017.

_____. **Ciência da Computação**: avaliações. Disponível em: <<http://www.inf.ufrgs.br/site/ciencia-da-computacao/avaliacoes/>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

_____. **Engenharia da Computação**: avaliações. Disponível em: <<http://www.inf.ufrgs.br/site/engenharia-da-computacao/avaliacoes/>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

_____. **Institucional**: apresentação. Disponível em: <<http://www.inf.ufrgs.br/site/institucional/apresentacao/>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

_____. **[Pessoas: técnicos administrativos]**. Disponível em: <<http://www.inf.ufrgs.br/site/pessoas/tecnicos-administrativos/>>. Acesso em: 06 out. 2015.

KNEBEL, P. **Dos grãos aos chips**: a história da tecnologia e da inovação no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

LEMONS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LEOPOLDO, L. P. M. (Org.). **Novas tecnologias na educação**: reflexões sobre a prática. Maceió: Edufal, 2002. (Formação Docente e Novas Tecnologias).

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 1998a.

_____. **A máquina universo**. Porto Alegre: ArtMed, 1998b.

_____. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MANGAN, P. K. V. "Constituição de memórias digitais virtuais no ciberespaço". In: FRANÇA, M. C.; LOPES, C. G.; BERND, Z. **"Patrimônios memórias: identidades, práticas sociais e cibercultura"**. [S. l.]: Unilasalle; Movimento, 2010. p.170-183.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2001.

MAZZEO, L. M. **Informática no Brasil e o novo paradigma industrial**. 1996. 290 f. Tese (Doutorado) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1996.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

PALAZZO, J. **Breve história do Instituto de Informática UFRGS**, Disponível em: <<http://www.palazzo.pro.br/Wordpress/breve-historia-do-instituto-de-informatica-da-ufrgs/>>. Acesso em: 06 out. 2015.

POLLAK, M. Informação, memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgdef.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Cararo/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: 06 out. 2015.

REDE NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA (RNP). **Nossa história**. Disponível em: <<https://www.rnp.br/institucional/nossa-historia>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

REDE REUNIDA. Encontros regionais 2014/2015. In: CONGRESSO INTERNACIONAL, 12., 2015, Porto Alegre. **Anais ...** Porto Alegre: [s.n.], 2015. Disponível em: <<http://www.redeunida.org.br/congresso2016/regionais/sul/local>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

RÚDIGER, F. **Introdução às teorias da cibercultura**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: EDUSP, 1978.

_____. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: **Boletim Paulista de Geografia**. [S. l.]: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1977. v. 54. p. 81-100.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Hucitec, 1985.

SEGRILLO, A. **O declínio da URSS: um estudo das causas**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SMITH, R. C. **História oral na historiografia: autoria na história**. [S. l.]: História Oral, 2010.

STONE, A. R. **A guerra do desejo e da tecnologia no fim do mechanical age**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). **Relatório de gestão 2015**. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-72.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Entrevista

O presente termo tem por objetivo autorizar a sua participação na pesquisa, Instituto de Informática da Universidade Federal do Rio grande do Sul: Memória Social, Espaço e Identidade, que será desenvolvida por meio da aplicação de entrevistas gravadas e observação.

As entrevistas serão realizadas em local a ser indicado pelo entrevistado. Estas informações estão sendo fornecidas na forma de participação voluntária neste estudo sobre a memória e construção da identidade através do novo espaço no Campus do Vale do INF/UFRGS. Esta pesquisa está sob a responsabilidade da pesquisadora Cláudia de Quadros Rocha, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle de Canoas.

Em qualquer etapa do estudo, o entrevistado terá acesso à pesquisadora para esclarecimento de eventuais dúvidas, pelo telefone: (51) 8029.28.59, endereço eletrônico: claudiaquadros71@gmail.com. É garantido ao entrevistado a liberdade de retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento. Fica assegurado, também, o direito de manter atualizados os resultados parciais da pesquisa, assim que tais resultados sejam obtidos pela pesquisadora. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo.

Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pela pesquisadora responsável .

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi aprovado e carimbado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário La Salle e será emitido em duas vias: uma para o colaborador da pesquisa e a outra a ser arquivada pelo pesquisador.

Pelo presente documento, eu, _____,
brasileiro (a), Carteira de Identidade: _____,
CPF: _____,
Endereço: _____

depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, através do presente termo, declaro
ceder à pesquisadora Cláudia Quadros Rocha, sem quaisquer restrições quanto aos seus
efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento
de caráter histórico e documental que prestei, na cidade de _____,
em um total de _____ horas gravadas perante a pesquisadora.

A pesquisadora, conseqüentemente, está autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para
fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Colaborador

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados gerais da observação

Entrevistadora:

Entrevistado:

Local:

Data:

Horário de início:

Horário de término:

Instruções gerais para a atividade

Preparação:

- Marcar previamente a entrevista.

- Ler o roteiro e procurar memorizá-lo antes da entrevista.

- No dia da entrevista, levar bloco de notas e gravador. Você pode levar o roteiro, mas não o leia em voz alta para a pessoa entrevistada. No limite, consulte-o para ter certeza de que todos os temas foram abordados conforme os objetivos da pesquisa.

No local:

- Apresentar o objetivo da entrevista e o Termo de Consentimento Informado.

- Interagir com o entrevistado. Não se trata de um questionário, mas de uma relação interpessoal. Não hesite em se colocar na situação, falar durante a entrevista e trocar experiências pessoais. Isso aproxima o entrevistado do entrevistador.

- Tome pequenas notas ao longo do processo. Isso ajuda a manter-se focado na entrevista e a retomar pontos que parecem interessantes.

- Evite interromper o entrevistado. Os comentários pessoais feitos por você são importantes, mas não devem cortar o fluxo de pensamento ou da narrativa do entrevistado. Anote o que você gostaria de falar e coloque-se mais tarde, caso isso ainda seja relevante.

Em casa:

- Se possível, textualize a experiência assim que chegar em casa (preferencialmente em um computador). Isso ajudará na transcrição da entrevista.

- Pense que sua escrita destina-se a uma pessoa que não viveu a experiência. É um documento. A partir dele, qualquer pesquisador deverá conseguir tirar hipóteses e conclusões, independentemente do ponto de vista das pessoas que viveram a situação.

Roteiro de entrevista

1 Trajetória de vida

- Antes de começarmos, vamos nos conhecer melhor. Conte-me um pouco sobre você: onde nasceu, quem eram seus pais, avós, irmãos, onde você estudou e morou.
- Como você veio trabalhar na UFRGS? Você começou já no Instituto de Informática?
- Para você, há algo de especial no Instituto de Informática em relação a outros setores, departamentos e institutos da Universidade?

2 No Campus Centro

- Gostaria de explorar um pouco o Campus Centro, pois o Instituto de Informática ficava lá. Como era trabalhar lá? O que você lembra de positivo e negativo daquele período?
- Sobre as instalações de trabalho: como era o espaço? Os equipamentos? As relações com colegas, fossem eles professores ou servidores técnico-administrativos?

3 A mudança

- Outro tema que é importante para a pesquisa é o período da mudança: você participou do processo, em particular da criação ou da negociação que levou à vinda para o Campus do Vale? Você saberia dizer como ocorreu essa negociação, se foi uma iniciativa da direção ou da Administração Central da UFRGS? O processo, das primeiras conversas à mudança propriamente dita, tomou muito tempo?
- Naquela época, você lembra de seus sentimentos em relação à ideia de trocar de espaço? Era algo que você desejava? E o restante do pessoal – funcionários, alunos, professores: você lembra de sentimentos favoráveis ou desfavoráveis de outras pessoas?

4 No Campus do Vale

- O nosso último tema trata do Instituto de Informática no Campus do Vale. Como foram os primeiros tempos? Quais as principais mudanças, positivas e negativas, que você sentiu nos primeiros dias por aqui? Imagino que houve mudanças de rotinas para você e para o restante do pessoal, você destacaria algumas delas para esta pesquisa?
- No que se refere ao relacionamento entre as pessoas: você diria que elas mudaram muito? Pense em quando vocês chegaram por aqui, como foi ao longo do tempo, como está hoje...
- Você diria que servidores técnico-administrativos e professores se apropriaram juntos deste novo espaço no Campus? Há diferenças entre esses grupos? E em relação às antigas instalações no Centro, hoje há mais ou menos integração? Por quê?
- Para finalizar: há festas e comemorações aqui? Havia algum tipo de confraternização antigamente? Há outras situações peculiares, que fogem da rotina do trabalho, que são marcantes aqui e não eram antigamente ou que antes, no Centro, eram marcantes e hoje não são mais?

APÊNDICE C – MATERIAL DIDÁTICO: UM HISTÓRICO CONCISO DA INFORMÁTICA

Serão apresentados, através desta revisão bibliográfica, os seguintes temas: a história da Informática, a invenção do computador, o papel social do desenvolvimento tecnológico no século XX e o impacto em toda a humanidade, especialmente na área da educação, em que atua o INF/UFRGS.

Uma breve história do computador

Apesar de sabermos que os cálculos matemáticos estão presentes na vida dos homens desde o início das civilizações, fazendo surgir as máquinas de calcular, a noção de programas surgiu mesmo na década de 1830, ou seja, um século antes da data admitida como da invenção do computador.

Já a matriz dos computadores que hoje movem a vida moderna, veio do período da Segunda Guerra Mundial, quando os melhores matemáticos, físicos, químicos do mundo foram convocados a prestar serviços para os Aliados, auxiliando na decifração de códigos nas mensagens transmitidas entre os inimigos.

O grande nome a quem se associa a invenção dos primeiros computadores é Alan Mathison Turing (1912 - 1954), ele iniciou suas pesquisas em 1935, enquanto ainda era estudante do King's College em Cambridge.

Nesse período, um grupo de matemáticos trabalhava na busca de novos tipos de cálculo lógicos que pudessem fornecer uma base matemática mais segura para o conceito heurístico.

Esperava-se alcançar com essas pesquisas a descoberta de algum procedimento que solucionasse todos os problemas de uma classe que fosse bem definida. O conjunto das teorias desenvolvidas nesse período de busca por soluções formou a base para o futuro dos cursos ligados à informática e computação.

Turing conseguiu mostrar ao campo da matemática que era possível criar uma máquina que tivesse nela as regras do sistema formal de calcular e realizar as operações computacionais a partir da teoria dos números, isso aconteceu em 1936.

Assim, a história da computação estaria marcada a partir do novo conceito criado por Turing de máquina teórica. Ele afirmava desde o início de suas pesquisas que era possível construir esses mecanismos. Sua grande descoberta foi a possibilidade de substituir a noção intuitiva de procedimento efetivo pela ideia matemática formal, que resultou na construção do conceito de Algoritmo⁴.

A famosa Máquina de Turing foi um dos modelos pioneiros de máquina abstrata. Sobre isso o próprio pesquisador explica que:

Computar é normalmente escrever símbolos em um papel. Suponha que o papel é quadriculado, podendo ser ignorada a bidimensionalidade, que não é essencial. Suponha que o número de símbolos é finito. [...]. O comportamento do computador é determinado pelos símbolos que ele observa num dado momento, e seu estado mental nesse momento. Suponha que exista um número máximo de símbolos ou quadriculas que ele possa observar a cada momento. Para observar mais, serão necessárias operações sucessivas. Admitamos um número finito de estados mentais [...]. Vamos imaginar que as ações feitas pelo computador serão divididas em operações tão elementares que são indivisíveis. Cada ação consiste na mudança do sistema computador e papel. O estado do sistema é dado pelos símbolos no papel, os símbolos observados pelo computador e seu estado mental. A cada operação, não mais de um símbolo é alterado, e apenas os observados são alterados. Além de mudar símbolos, as operações devem mudar o foco da observação, e é razoável que esta mudança deva ser feita para símbolos localizados a uma distância fixa dos anteriores. [...] Algumas de estas operações implicam mudanças de estado mental do computador e, portanto, determinam qual será a próxima ação. (FONSECA, 2007, p. 75).

A Máquina de Turing representa um avanço teórico e tecnológico porque representa um objeto matemático formal, a grande novidade no aspecto teórico. Com ela, foi possível pensar na definição sobre computar alguma coisa pela primeira vez na História da humanidade.

Muito se comenta no meio acadêmico, entre os interessados na história do computador, sobre o fato de a descoberta dele ter acontecido durante a Segunda Guerra Mundial. Realmente, esse episódio dramático da história do século XX teve um papel importante no avanço das pesquisas.

⁴Algoritmo pode ser definido como a especificação da sequência ordenada de passos que deve ser seguida para a solução de um problema ou para a realização de uma tarefa, garantindo a sua repetibilidade, ou seja, se esses passos forem seguidos, sempre alcançarão o mesmo resultado.

Ocorre que o governo inglês tomou conhecimento dos estudos de Turing e, como precisava de especialistas para decifrar códigos e fazer cálculos para definir as estratégias de ataque contra os inimigos, chamou o teórico em 1940, momento de maior tensão da guerra. Ele foi convocado para trabalhar junto com a Escola de Cifras e Códigos para ajudar na tarefa de decifrar códigos de guerra.

O governo da Inglaterra percebeu imediatamente que os teóricos matemáticos eram os técnicos mais capacitados para decifrar os códigos alemães e japoneses, reunindo, assim, os nove pesquisadores mais renomados do país. Turing e os outros tiveram que abandonar suas pesquisas com máquinas e objetos hipotéticos para enfrentar situações limítrofes, sem muitos recursos financeiros, correndo contra o tempo e sabendo que vidas dependiam do desempenho deles e até mesmo os rumos da história de seu país.

Apesar de todas as dificuldades do período da guerra, Turing continuava conciliando o trabalho de decifrar códigos com os objetivos iniciais de sua pesquisa matemática, pois as questões e os desafios de cálculo permaneciam vivas.

Assim, com o fim da guerra, o grupo de pesquisadores do qual ele fazia parte havia construído um grande legado para o futuro, o computador batizado de Colossus, uma máquina eletrônica de 1.500 válvulas muito ágeis, bem mais eficientes que os reles eletromecânicos usados até então em bombas.

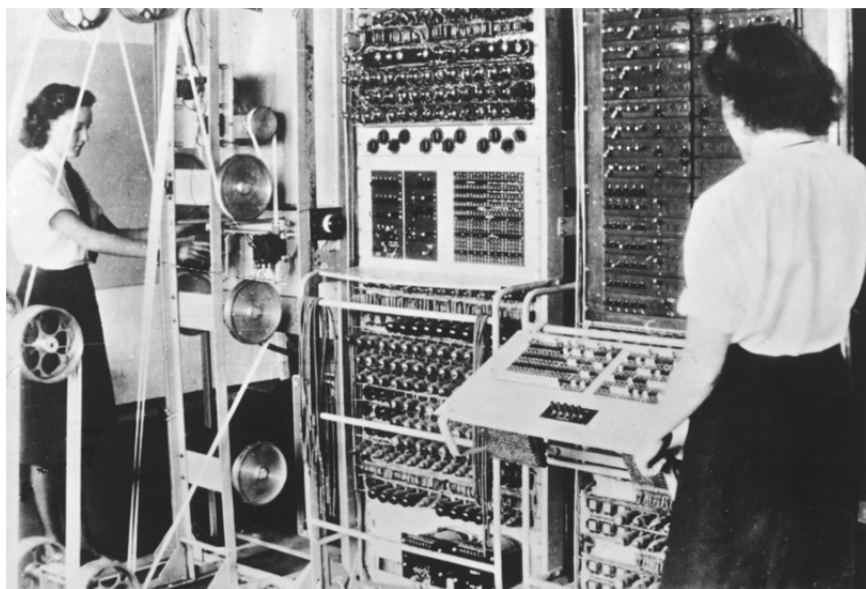


Figura 11 - O computador Colossus.

Fonte: <http://forums.linn.co.uk/bb/showthread.php?tid=23327>

O computador Colossus revolucionou o mundo da tecnologia, pois foi o primeiro capaz de processar as informações, com memória para armazenamento de dados, capaz de calcular dados a partir da matriz instalada, chegando a ser comparado por Turing a um cérebro primitivo, até porque a estrutura e ligações internas da máquina, de fato, se assemelhavam a mente humana. Ele havia criado o primeiro computador.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, as pesquisas na área da tecnologia e da informática se intensificaram de maneira inédita na história, depois do incentivo proporcionado pelas descobertas dos pesquisadores durante a guerra. Depois de 1950, núcleos de estudos e pesquisa voltados para a área se disseminaram em universidades, laboratórios, empresas privadas e estatais, indústrias de todos os tipos. A informática foi tomando grandes proporções e ocupando cada vez mais espaço na vida moderna.

Sobre o papel social da computação na sociedade Lévy (1998b, p. 17), dispõe que:

A mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva. A escrita, a leitura, a escuta, o jogo e a composição musical, a visão e a elaboração das imagens, a concepção, a perícia, o ensino e o aprendizado, reestruturados por dispositivos técnicos inéditos, estão ingressando em novas configurações sociais.

A partir desta invenção, hardware e software não pararam mais de avançar e foram surgindo novas estruturas e conceitos em ritmo muito acelerado. No mesmo ritmo, foram sendo desenvolvidas as novas Linguagens de Programação, de Compiladores, da Teoria da Computação, da Computação Gráfica, da Inteligência Artificial, da Robótica, dentre outras áreas afins.

A computação, no entanto, já existia muito antes do transistor, mesmo que de maneira rudimentar, exemplos são observados em toda a História, um deles são os Astrônomos da Antiguidade, que desenvolveram artifícios de previsão dos movimentos de corpos celestes, mesmo sem contar com aparelhos e com a distância desses corpos celestes, que podem estar há milhares de quilômetro do planeta terra.

Outro exemplo: na Grécia, filósofos deduziram a forma e o tamanho da Terra apenas através de observações rudimentares, como os barcos sumindo no horizonte no mar, a sombra que o Sol projetava nas montanhas.

Observamos com isso que o ato de computar sempre esteve no horizonte do conhecimento da humanidade. A aritmética foi sempre uma habilidade que auxiliava o homem a interpretar o mundo e que o ajudava na própria sobrevivência, assim como a aquisição da leitura e da escrita.

A era moderna da computação surge, portanto, dessa busca humana por superar os limites práticos da aritmética e ir muito além. Sabe-se que as máquinas de calcular e mesmo as caixas registradoras foram inventadas antes, mas vieram a partir do mesmo intuito de conseguir organizar computações matemáticas usando algum artifício de cálculo do tipo “programas”.

A primeira ideia de um programa surgiu nos anos 1830, ou seja, um século antes do período atribuído oficialmente para o nascimento do computador moderno. Posteriormente, os computadores eletrônicos modernos que surgiram durante a Segunda Guerra Mundial deram origem à noção de um computador universal – uma máquina capaz de processar qualquer tipo de informação, inclusive manipular os próprios programas. Esses são os computadores que movem o mundo atual.

Porém, embora pareça que a tecnologia da computação tenha amadurecido a ponto de se tornar onipresente e aparentemente ilimitada, pesquisadores buscam inspiração na mente, em sistemas biológicos e na física quântica para criar tipos completamente novos de máquinas, tanto que ao menos anualmente vimos o lançamento no mercado de novas máquinas, cada vez menores, mais rápidas, multifuncionais e com aparência atrativa.

A computação, como ciência, surgiu como uma vertente da matemática e durante muito tempo permaneceu sendo estudada e desenvolvida nos laboratórios e departamentos de Matemática, característica que não mudou completamente, pois ainda existem muitos centros de pesquisa nos quais a Ciência da Computação está dentro do campo da Matemática. Isso ocorre por razões legítimas, já que não se pode ignorar que as primeiras máquinas que foram inventadas surgiram a partir de resultados de pesquisas matemáticas, buscando solucionar problemas de cálculos.

A consolidação da Ciência da Computação como disciplina em curso acadêmico aconteceu na década de 1960, sendo que o primeiro curso de graduação foi na Universidade da Pensilvânia. Institutos especializados em informática, como INF/UFRGS, surgiram algum tempo depois.

A partir disso,

Consolidaram-se os estudos sobre a Teoria dos Autômatos e a Teoria de Linguagens Formais, principalmente com Noam Chomsky e Michael Rabin. O nascimento do ramo das especificações formais, que introduziu um novo paradigma no desenvolvimento de sistemas computacionais, veio dentro dessa década, com o início das buscas pela correte de programas através do uso de métodos formais. (FONSECA, 2007, p. 132).

Para quem estuda a importância de um Instituto de Informática, é fundamental ter conhecimentos sobre a trajetória histórica desse assunto, até para que se tenha base para reconhecer quais tendências se apresentam para o futuro, considerando que se trata de uma área do conhecimento extremamente dinâmica, com mudanças frequentes e às vezes radicais.

Especialmente nessa área, a atualização constante dos estudantes e profissionais se faz vital, não se trata de escolha, mas de obrigação, pois de um dia para o outro pode acontecer de o seu trabalho se tornar obsoleto. Nas universidades, ainda mais é necessário o olhar atento e profundo de tudo que acontece no mundo sobre computação e ensino da ciência que o envolve. Segundo John Backus, criador do FORTRAN⁵ e da Programação Funcional: “na ciência e em todo trabalho de criação nós falhamos repetidas vezes. Normalmente, para cada ideia bem-sucedida, há dúzias de outras que não funcionaram”⁶.

Realmente, podemos observar que a história registra diversas falhas que podem se tornar fontes de aprendizado, pois ao reconhecemos os elementos que causaram o fracasso, temos a chance de realizar determinada tarefa sem incorrer nesses equívocos.

⁵ A família de linguagens de programação conhecida globalmente como **Fortran** foi desenvolvida a partir da década de 1950 e continua a ser usada hoje em dia. O nome é um acrônimo da expressão *IBM Mathematical**FORM**ula**TRAN**slation System*. Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fortran>>.

⁶ John Backus, em 1994, em discurso ao receber o prêmio *Charles StarkDrape*.

Por isso, torna-se tão relevante o estudo da História, pois nos dá instrumentos para compreender a origem das ideias e o papel dos seres humanos de determinada época e sociedade, podendo trazer motivações e inovações em novas trajetórias e desafios.

Uma breve história da informática

O século XX foi marcado por revoluções e mudanças drásticas em todas as suas bases (econômicas, políticas e culturais). Através de duas grandes guerras que assolaram o mundo, diversas formas de sociedade surgiram e propuseram suas respectivas visões para o sistema capitalista. Ainda durante a Segunda Guerra Mundial, motivado por interesses militares, a criação e a construção dos primeiros protótipos de computadores eram destinadas ao exército, à marinha e à aviação, além de atender ao programa nuclear militar (BRETON, 1991).

Após a Segunda Guerra Mundial, todos os fundamentos da sociedade haviam sido transformados em algo diferente: duas superpotências, Estados Unidos e União Soviética. Essas superpotências apareciam na sociedade das nações, cada uma, com suas respectivas opções políticas, econômicas e principalmente socioculturais.

Em meio a todas essas mudanças, a criação do primeiro computador eletrônico (ENIAC), em 1946, demonstrou a tendência em que o mundo se encontrava rumo à modernidade (SEGRILLO, 2000). A Guerra Fria que se seguiu em 1947 projetou então a disputa entre essas duas superpotências por maior influência e superioridade tecnológica no mundo.

Nesse ambiente de disputa internacional econômica, esses dois países passaram a investir em suas economias em busca de vantagens e superação do seu adversário. Por volta dos anos de 1950, em meio a essa conjuntura, ocorreu o que os historiadores chamam de Terceira Revolução Tecnológica ou Revolução Científico-Técnica (SEGRILLO, 2000).

Tal Revolução mudou as bases da produção e da informação: conceitos como *computação*, *robótica* e *telemática* passaram a integrar cada vez mais a sociedade

da época. A partir dessa revolução, criou-se o conceito de Informática, proveniente da união das palavras informação e automática.

A internet foi criada em 1969 pelos Estados Unidos durante a guerra fria com a Rússia, inicialmente foi utilizada para fins militares. A partir de 1985 a internet já era uma tecnologia estabelecida, mas conhecida por poucos (CAD 2016). A internet começa a crescer rapidamente em relação a outros meios de comunicação, tornando-se relevante na vida de muitos. Em 1976, Steve Jobs e Steve Wozniac criam o primeiro computador pessoal, a APPLE, baseados em microprocessadores de quarta geração (SEGRILLO, 2000).

A RNP (Rede Nacional de Pesquisa) em 1992 realizou a implementação de sua primeira rede no Brasil e começou a divulgar os serviços de internet à comunidade acadêmica. Por meio de seminários, mostrou a importância estratégica para o país em aplicação de tecnologias internet (REDE NACIONAL DE PESQUISA, 2016).

Em 1995, iniciou a abertura da internet comercial no Brasil. Pela primeira vez, o cidadão comum podia ter acesso à internet na modalidade IP discado, tecnologia pela qual todos se apaixonaram (REDE NACIONAL DE PESQUISA, 2016).

Nesse contexto tecnológico, autores como Lévy e Castells analisam as diversas transformações sociais e culturais, cunhando a partir dessas discussões os termos Cibercultura (LÉVY, 1999) e Sociedade em Rede (CASTELLS, 1999), respectivamente.

Porém, o que acontece quando a palavra Ciberespaço é dividida, de volta ao seu prefixo cibernético (emprestado da cibernética) e recombina com a palavra *E-space*? Vamos ter, então, o vocábulo ciberespaço, que vem a ser uma palavra nascida no *cyberpunk*.

O escritor William Gibson chamou de uma espécie de espasmo neológico. Gibson é o famoso pesquisador a quem é creditada a criação da expressão ciberespaço. Em seu romance do cyberpunk *Neuromancer* (1984), inventou o termo para descrever o imaginário "*datascape*", em que seus personagens entraram por *jacking in*— conectando sua consciência diretamente a computadores conectados em rede.

Nesse sentido, ciberespaço seria uma alucinação consensual experimentada diariamente por milhões de operadores – uma representação gráfica dos dados extraídos dos bancos de cada computador no sistema humano. Seria uma complexidade impensável, linhas de luz que variam no espaço da mente, constelações de dados. (GIBSON, 1984).

Uma teoria do controle e comunicação do *feedback* regulatório em processos biológicos, sociotécnicos ou sociais. As alterações no ambiente externo são voltadas para o sistema, fazendo ajustes para manter um estado estável. O termo “cibernética” deriva da palavra grega *kubernites*, que significa governador, piloto ou leme.

O autor Lévy (1999, p. 17) conceitua a palavra ciberespaço da seguinte maneira:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

A cibernética é a ciência da comunicação e do controle em seres vivos ou máquinas. O estudo moderno da cibernética começou na época da Segunda Guerra Mundial, reunindo os desenvolvimentos de uma série de disciplinas. A palavra 'cibernética' foi cunhada pela primeira vez pelo cientista Norbert Wiener para denotar o estudo de mecanismos teleológicos e foi popularizada pelo seu livro *Cibernética, ou Controle e Comunicação no Animal e na Máquina* (1948). Wiener popularizou as implicações sociais da cibernética, comparando os sistemas automáticos a uma máquina a vapor regulamentada e em seu *best-seller O Uso Humano dos Seres Humanos: Cibernética e Sociedade* (1950).

Para desenvolvedores de hardware e software (STONE, 1995), o local e a data de nascimento do termo "cibercultura" é mais obscuro e incerto. Com certeza, isso

foi sendo amplamente utilizado na academia, em meados da década de 1990, e foi definido mais cedo pelo crítico americano Mark Dery como sendo:

Um complexo distante, mal articulado, de subculturas sublegítimas, alternativas e oposicionistas, cujo projeto comum é o uso subversivo de tecnocomodidades, muitas vezes enquadrado pela política radical do corpo... A cibercultura é divisível em vários grandes territórios: Tecnologia visionária, ciência marginal, arte de vanguarda e cultura pop. (DERY, 1992, p. 509).

Como temos visto, o campo da cibercultura (ou qualquer outro) envolve estudos diversos e heterodoxos. Castells é um desses estudiosos, mas que apresenta certa ambivalência sobre ser tratado como um teórico; ele insiste que seu trabalho procede de uma investigação empírica rigorosa, sem os excessos da teoria do arco.

No entanto, muitos críticos concordam que Castells escreveu um dos mais iluminadores, imaginativos e intelectualmente rigorosos textos sobre as principais características e dinâmicas do mundo de hoje (WEBSTER, 2002, p. 97 apud BELL, 2006).

Na obra *O Fim do Milênio*, Castells (1999) resume a coluna principal de seu argumento, colocando que:

Um novo mundo está tomando forma neste fim de milênio. Originou-se em coincidência, em torno do final dos anos 1960 e meados dos anos 1970, de três processos independentes: a revolução da tecnologia da informação; a crise econômica do capitalismo, o estatismo e sua reestruturação subsequente e o florescimento de movimentos sociais culturais, como o libertarianismo, os direitos humanos, o Ambientalismo. A interação entre esses processos e as reações criaram uma nova estrutura social dominante: a sociedade em rede; uma nova economia, a economia informacional / global; e uma nova cultura, a cultura da virtualidade real. (CASTELLS, 1998, p. 336, ênfase no original).

Sem dúvida, a revolução tecnológica que vivemos hoje nos faz pensar que devemos ter sempre um ensino atual, dinâmico e à frente do seu tempo para alcançar a velocidade dessas informações e tecnologias às quais somos apresentados todos os dias.

Do ponto de vista da utilidade pública e da importância dos avanços tecnológicos para a sociedade em geral, podemos apontar, em primeiro lugar que hoje as mais diversas áreas dependem de dispositivos elétricos que utilizam um processador de dados, ou seja, o funcionamento do mundo está muito vinculado ao correto funcionamento de máquinas (por exemplo: o sistema de comunicação, a saúde, publicidade, as artes, a educação, o ensino e a pesquisa, a gestão pública e privada etc.). Se hoje ocorresse uma pane no sistema de informática, significaria um desastre no mundo.

Nesse sentido, uma sociedade da informação, conforme Castells teria grande impacto na sociedade como um todo:

O termo sociedade da informação enfatiza o papel da informação na sociedade. Mas afirmo que informação, em seu sentido mais amplo, por exemplo, como comunicação de conhecimentos, foi crucial a todas as sociedades, inclusive à Europa medieval que era culturalmente estruturada e, até certo ponto, unificada pelo escolasticismo, ou seja, no geral uma infraestrutura intelectual (ver Southern, 1995). Ao contrário, o termo informacional indica o atributo de uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico. (CASTELLS, 1999, p. 64-65).

Depois da invenção do computador, a vida das pessoas nunca mais foi a mesma, esse evento pode ser comparável à invenção da escrita, da imprensa, da descoberta da penicilina, tamanha a importância para a humanidade.

Segundo Lévy (1998),

Os sistemas de processamento da informação efetuam a mediação prática de nossas interações com o universo. A vasta rede de processamento e circulação da informação que brota e se ramifica a cada dia esboça pouco a pouco a figura de um real sem precedente. É essa a dimensão transcendental da informática (p. 16).

Para que esse aparato funcione a contento, a sociedade precisa de profissionais preparados para operar e fazer a manutenção desses sistemas de computação. Por isso, a formação nessas áreas é bastante ampla, pois o profissional oriundo de um desses cursos pode atuar na área da saúde, auxiliando

em diagnósticos e tratamentos complexos, no operativo de estradas e ruas para organizar o trânsito, assim como em diversas áreas.

Uma das áreas que também teve grandes repercussões nas últimas décadas foi a genética. Foi através do uso dos recursos da computação, dentre eles, as técnicas de inteligência artificial, uso de sistemas de informação e recuperação da informação, que o sequenciamento do genoma humano foi realizado em 2001. Foi um marco histórico para a biologia molecular.

Os métodos computacionais transformam ainda o jeito de atuar das mais diversas áreas, como física, química, estatística, arquitetura, engenharia, moda, administração de empresas, dentre muitas outras. Na verdade, não se tem notícias de uma área de atuação profissional que não recorra aos recursos da computação para melhorar seu desempenho.

A área da comunicação sofreu e sofre os maiores impactos devido aos avanços tecnológicos da informática. Na virada do século, o grande marco foi o surgimento das redes sociais *on-line*, que possibilitam a criação de grupos de pessoas que se procuram e se encontram em qualquer parte do mundo, de qualquer nacionalidade. Além de a comunicação ser em tempo real, com rapidez e precisão, também facilitou o encontro entre pessoas que eventualmente se perderam ao longo de suas vidas.

Uma vez que a computação está presente em praticamente todos os aspectos da vida humana, não é pequena a responsabilidade dos profissionais da área, pois precisam buscar soluções para problemas que surgem todos os dias. Essas soluções precisam cumprir com regras sociais relativas a moral, bons costumes, valores éticos e interesse social, pois as ferramentas desenvolvidas por eles serão utilizadas nas áreas de saúde, comunicação, lazer, trabalho, educação. Em função disso, é necessário associar os avanços tecnológicos à qualidade de vida das pessoas.

APÊNDICE D – PRODUTO FINAL – INFORMATIVO



Apresentação

Há dois anos atrás iniciávamos uma jornada juntas de (re) descobertas de um espaço que para ambas era muito importante: O Instituto de Informática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-INF/UFRG.

Ao longo do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais no UNILASALLE, entre teorias e lembranças, definimos que o momento de mudança para o Campus do Vale marcava física e cronologicamente a criação desse Instituto que abrigou as nossas formações acadêmicas e profissionais.

Neste Produto Final, mais que um requisito para a concessão de um grau, foi mais um momento prazeroso de “colagem” das várias peças dessas memórias que complementamos com fotos e depoimentos de alguns dos nossos colegas que participaram desse período de 1989 a 1992. Esperamos que seja divertido aos antigos e surpreendente aos novos membros dessa comunidade acadêmica.

Abraços

Patrícia Kayser e Cláudia Quadros

As Instalações do Campus Centro



"O nosso espaço era muito precário, era muito pequeno, a gente compartilhava com a engenharia, a engenharia civil e depois com a elétrica porque ficava num pedacinho no fundo da engenharia onde é o atual CESUP hoje e parte da engenharia elétrica ficavam os professores, biblioteca, laboratórios assim era um ou dois (...)"

Silvânia Azevedo

"Subia aquela praça da Argentina... subia a João Pessoa estava no centro... e principalmente as lojas de eletrônica que estava lá na Alberto Bins era relativamente perto..."

Juergen Kochol



"Do ponto de vista de instalação, era muito apertado, muito acanhado, a gente chamava aquilo das baia, né. Na verdade, uma parte do instituto, que antes era a pós-graduação, era dentro da Engenharia Elétrica."

Philippe Navayx

"O ponto mais positivo era o acesso ao ambiente cultural de Porto Alegre e espaços de convivência que a cidade oferece, além de parques, praças, restaurantes, comércio e facilidade de locomoção e transporte. (...)"

Luís Lamb

Os Laboratórios no Campus Centro



"Mas a infraestrutura de lá era muito complicada porque era tudo mezanino, era tudo apertado e tinha os laboratórios que eram os nomes LDS 1, LDS 2, LDS 3. Então era um em cima do outro e era um mezanino que o pessoal trabalhava muito apertado naquilo ali, mais o laboratório de graduação que era uma sala só, uma monitoria. Então assim, a parte de infraestrutura era muito apertado."

Os laboratórios da pós-graduação e os laboratórios da graduação e aí uma vez lá dava os alunos da graduação reclamando do tipo de equipamento que tinha e o Heuser (professor) chegou e disse assim pra mim "Luiz Otávio, o que tu acha da gente unir os laboratórios e tu assumir tudo?" [...] não era instituto ainda, era pós-graduação e o laboratório da graduação do curso de tecnólogo. Assumimos e dentro desses dois laboratórios tinha uma porta de vidro dividindo os laboratórios da graduação e os da pós-graduação. Então a brincadeira que tinha lá que eram os primos ricos e os primos pobres, os primos ricos eram os equipamentos dos alunos da pós-graduação e os primos pobres da graduação. Nós montamos e organizamos essa parte dos laboratórios e fizemos toda a organização."

Luiz Otávio Soares

Criação do INF/UFRGS



Assinatura de Criação do INF/UFRGS pelo Reitor Tuis-kon Dick, em 1989

"Olha desde que eu entrei em 78 já se ouvia falar na mudança para o Campus do Vale que um dia acontecerá, era um desejo de toda a comunidade, mas iniciou o foco do início mesmo na origem foi dos professores do instituto claro que depois a administração central abraçou essa ideia né, e aí tocou em frente, mas iniciou desde 78 quando eu entrei começou a negociação e depois tem todo um processo de criação de tramitação né isso levou anos também, até que em 89 em novembro de 89 foi criado o instituto, mas ainda nessa criação ainda nós não tínhamos a área pronta aqui tanto é que o instituto veio para cá em 91 eu ainda vim e 92 fui uma das últimas a vir com os professores né, mas assim negociação (...), os professores até que foi tranquilo, mas para os funcionários foi bem traumático porque a gente iria perder muito com a proximidade do centro das coisas que a gente tem atualmente né, até porque a infra daqui era muito precária da época".

Silvânia Azevedo

"Teve um movimento, que começou lá nos inícios de 80, dos professores, dizendo:olha, nós temos que, temos que ter uma instituição, um instituto, nós temos que ter assim como tem a Escola de Engenharia, tem a Escola de Economia, etc. a mais, tem a Faculdade de Medicina, nós temos que ter, vamos criar o Instituto de Informática".

Philippe Navaux



Cerimônia de Inauguração do prédio do INF/UFRGS, em 1992

"Lá nos anos 80, o Tecnólogo vira uma graduação, 85, mais ou menos, vira uma graduação. E a pós-graduação que tinha começado com o mestrado, cria o doutorado lá pelos 87/88 mais ou menos. Então, naquele momento o que que estava acontecendo, nós tínhamos curso de graduação, nós tínhamos pós-graduação mestrado e doutorado, mas isto estava meio que espalhado. Quer dizer, estava assim embaixo do CPD, embaixo da Física etc. a mais".

Philippe Navaux

"Foi uma ação conjunta, o espaço no centro estava completamente ocupado e havia a possibilidade de ocuparmos espaço livre no Campus".

José Palazzo

Campus do Vale

"A gente via aqui no setor quatro era só esqueleto tinha só dois prédios construídos era tudo esqueleto, era tudo só aqueles como é que se diz, só as vigas os prédios sem as paredes sem nada e o nosso inclusive era um prédio pronto que a gente tinha que é o 43424 e 43425 embaixo onde tinha algumas salas de aula e laboratórios o resto não existia nem o prédio dos professores na parte superior ...". "Não tinha escadaria, não tinha corrimão, não tinha bar, não tinha nada aqui em cima [...] não tinha nada, só mato não tinha ônibus que subia a gente tinha que descer e subir a escadaria eu não estou me lembrando se tinha escadaria mais, eu acho que tinha a escadaria ou era barro, não era escadaria já estava em fase de, terminando de construir escadaria, mas assim era desbravar com o tu disse, era desbravar ..."

Silvânia Azevedo



Setor Quatro do Campus do Vale, no fim da década de 80 e início de 90

Laboratórios do Campus do Vale



"O professor Clésio disse [...] "eu quero que tu gerencias toda a parte de mudança dos laboratórios de pesquisa para o campus do vale" e eu disse "como assim?" " O Heuser sempre foi muito objetivo "tu organiza a mudança, tu organiza isso, faz o laboratório e mais depois a gente acerta" eu nem tive tempo de dizer sim ou não. Isso já era instituto, eu lembro muito bem em 89 e 90".

Luís Otávio Soares



"O Inf teve um prédio e meio e hoje está com, quatro prédios depois têm dois módulos de serviço, depois tem a área de gerador".

Silvania Azevedo



[...]hoje nós temos 35 laboratórios de pesquisa, ham 15 laboratórios de ensino, 18 salas de aula, 4 auditórios, vídeo conferencia hoje nós temos uma infra... Biblioteca um andar inteiro amplo, a parte administrativa ampla também, gabinete de docentes individualizados em dupla a gente não tem três, quatro professores por sala. Realmente a infra daqui é coisa de outro mundo."

Silvania Azevedo

Celebrações

"Esse esqueleto(prédio) aqui do 67.[...]Então como tinha teto e tinha laje, a gente aproveitou aquele período que antes que fechasse e se colocasse tijolo e tudo o mais, porque esse foram momentos diferentes. [...] Então enquanto tinha essa parte ai, a gente fez churrascos aqui. E era bastante bom, porque era integrador. Todo mundo saía da sala ali, do seu laboratório e vinha aqui. Hoje quando a gente faz uma festa tem que ir lá para baixo ou tem que ir para fora e tudo. Enquanto que lá a gente pegava um daqueles barris serrados e fazia lá a churrasqueira e tudo o mais. E tinha todo o pessoal que assava ali e fazia um ótimo trabalho, um ótimo churrasco. Essa integração dos professores, funcionários [...]. Tem que ser um ambiente saudável, cordial, de bom relacionamento e, e todo mundo tá junto aqui, prá ter o resultado do instituto, da qualidade, do bom ensino da pesquisa, todos esses resultados que se consegue prá sociedade. E prá ter um bom ambiente, é essencial ter esses momentos de confraternização, de se encontrar junto que a gente se encontra no trabalho e tudo, mas também é bom um pouquinho em volta de um churrasquinho, ai. Isso é muito bom entre os funcionários e os professores."

Philippe Navaux



Coral do INF/UFRGS

" Depois de muito tempo aqui é que começou a ter essa, mas assim, a algum tempo que já tinha mais técnicos a gente começou a ver que a gente tinha que fazer atividades para ajudar nesse fortalecimento das relações interpessoais entre técnicos e professores. Então a gente começo a fazer coral, a ter atividades de ioga, alongamento (...) mas conforme ia passando o tempo de convívio a gente começou a ter outras atividades, festa de aniversário do mês de 2 em 2 meses mas também só junto técnicos e professores "

Elisabeth do Nascimento

Celebrações

"Como oportunidades de convivência, há adicionalmente o momento do café, pela manhã, e pós-almoço. No final do ano há sempre uma confraternização entre professores".

Antonio Marinho



Aniversário 40 Anos Pós Graduação (PPGCC)

"Sempre houve celebrações. No passado, talvez houvesse mais celebrações, pois o grupo era menor, facilitando os encontros. O que era marcante, como estudante, eram as convivências nos restaurantes, espaços culturais, bares e lancherias dos diversos prédios do Campus Central e das proximidades da UFRGS"

Luís Lamb



Aniversário 25 Anos do INF/UFRGS

Novos Espaços

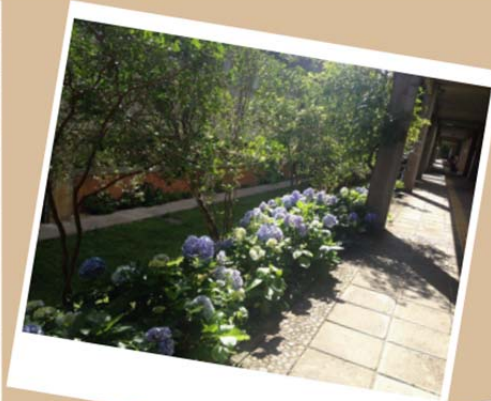
"E os professores quando usam as instalações dizem "nossa vocês são outro mundo, até o tratamento" a gente poderia dizer "poderia a gente emprestar a instalação e te vira né" não, a gente está ali e está dando o atendimento do que eles precisarem a gente vai lá, o que não seria nem a nossa tarefa né, mas eles saem daqui maravilhados com a infraestrutura e o atendimento que recebem da gente aqui dos técnicos."

Silvânia Azevedo



".. por isso quando se mudamos pra cá (Campus do Vale) isso aqui era um paraíso... tu abri a janela vê o sol..."

Juergen Kochol



"Acredito que houve sim apropriação conjunta. O grupo que veio para o Campus do Vale era jovem e tinha como objetivo ajudar a Unidade Acadêmica a se afirmar como uma das melhores do Brasil em ensino e pesquisa. No centro e na vinda para o vale o grupo de pessoas da Unidade era menor: menos estudantes e servidores, o que facilitava a integração. No entanto, mesmo com o crescimento da Unidade, foi mantida a colaboração entre as pessoas".

Luís Lamb



FICHA TÉCNICA

Fotos:

Cedidas pelo Setor de Comunicação do INF/UFRGS.

Design e Diagramação:

Daniele dos Santos Mota

Textos e Pesquisa:

Universidade La Salle
Programa de Pós-graduação em Memória
Social e Bens Culturais.

Ano
2017



ANEXO A - PORTARIA DE CRIAÇÃO DO INF/UFRGS

D.O.U. 13/11/89 - Secal I - Pág. 20563/64

Ministério da Educação

GABINETE DO MINISTRO

PORTARIA Nº. 606, DE 09 DE NOVEMBRO DE 1989

O Ministro de Estado da Educação, usando da competência que lhe foi delegada pelo Decreto nº 83.857, de 15 de agosto de 1979, e tendo em vista o Parecer do Conselho Federal de Educação nº 704/89, conforme consta do Processo nº 23001.001193/89-99 do Ministério da Educação, Resolve:

Art. 1º - Ficam aprovadas as alterações nos artigos 13, 39 inciso VIII e parágrafo único, 122 e parágrafos, do Estatuto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que passam a vigorar com a seguinte redação:

Art. 13 - São os seguintes, sem prejuízo de outros que venham a ser criados, os Institutos Centrais da Universidade:

- 1 - Instituto de Artes;
- 2 - Instituto de Biociências;
- 3 - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas;
- 4 - Instituto de Física;
- 5 - Instituto de Geociências;
- 6 - Instituto de Informática;
- 7 - Instituto de Letras;
- 8 - Instituto de Matemática;
- 9 - Instituto de Química.

Art. 39 - VIII - Um representante do corpo técnico-administrativo para cada 05 (cinco) membros previstos nos incisos I, II, III, IV, V e VI deste artigo.

Parágrafo Único - Será de três anos o mandato dos representantes mencionados nos incisos V, VI e VIII; será de um ano o mandato dos representantes mencionados no inciso VII; será permitida uma recondução.

Art. 122 - Entende-se por Pessoal Técnico e Administrativo o conjunto de servidores ocupantes de categorias funcionais dos grupos de Nível Superior, de Nível Médio e de Apoio Administrativo e Operacional que integram o Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Emprego na Universidade.

§ 1º - O Regulamento Geral da Universidade e o Regulamento de cada Unidade disciplinarão o regime de pessoal técnico e administrativo, a natureza de seus cargos ou funções e seus deveres.

§ 2º - O Reitor fará a distribuição dos servidores, consoante os critérios por ele estabelecidos, ouvidas as direções das Unidades ou órgãos suplementares.

Art. 2º - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

CARLOS SANT'ANNA

DESPACHO DO MINISTRO
Em 09 de novembro de 1989

Nos termos e para os efeitos do artigo 14 do Decreto-lei nº 464, de 11 de fevereiro de 1969, o Ministro de Estado da Educação HOMOLOGA o Parecer do Conselho Federal de Educação nº 704/89 - e aprova alterações no Regulamento Geral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Processo nº 23001.001193/89-99).

(Of. nº 193/89)

CARLOS SANT'ANNA

Anexar ao proc nº 23078.024711/88-41.

Em 14.11.89

MARIA FÁTIMA FIEM
Secretária de Administração

